

# mulher negra: dossiê sobre a discriminação racial



GOVERNO DEMOCRÁTICO DE SÃO PAULO  
Governador: ANDRÉ FRANCO MONTORO

CONSELHO ESTADUAL DA CONDIÇÃO FEMININA  
Presidenta: ZULEIKA ALAMBERT

COMISSÃO DA MULHER NEGRA DO C.E.C.F.

Coordenadora: Marly de Souza Corrêa

Deise Benedito  
Elza Maria da Silva  
Ilma Fátima de Jesus  
Maria Lúcia Silva  
Maria Lúcia da Silva  
Solimar Carneiro  
Sonia Maria P. Nascimento  
Sueli Carneiro  
Vera Lúcia Benedito

# **mulher negra: dossiê sobre a discriminação racial**



**A todas as mulheres negras,  
herdeiras que somos da  
tradição de luta de Nzinga,  
Luiza Mahim, Senhora,  
Menininha do Gantois e  
tantas outras cuja memória  
permanece viva  
inspirando a luta de libertação  
do povo negro**

## Apresentação

**M**ulheres brancas, amarelas ou negras, de todos os matizes, são todas irmãs, independente da cor de suas peles. Todas nascemos iguais. Tão somente seres humanos com suas qualidades e defeitos.

Apesar disso as mulheres brancas, mesmo as mais exploradas e oprimidas, gozam de maiores privilégios em relação às demais, que sofrem múltiplas discriminações sociais por terem uma epiderme não-branca.

Ao lançar **Mulher Negra: Dossiê sobre a Discriminação Racial**, o Conselho Estadual da Condição Feminina sente-se orgulhoso em poder começar a visualizar a ponta de um "iceberg" que deverá ser desnudado totalmente o quanto antes, para que se destrua a falácia da "igualdade racial" no Brasil.

A mulher negra é discriminada no trabalho, onde ocupa as profissões menos qualificadas e pior remuneradas. Constitui o maior contingente de analfabetas e apresenta menor preparo profissional. Os forçados controles da natalidade visam, impiedosamente, restringir o nascimento de crianças oriundas da população negra. Sua entrada em edifícios e lugares públicos é dificultada; sua ascensão social é barrada e sua imagem distorcida pelos meios de comunicação de massas.

O trabalho que ora apresentamos contém casos exemplares que dão profundo caráter de objetividade às nossas palavras. Esperamos que as mulheres de São Paulo procurem lê-lo e assimilá-lo, buscando eliminar de sua formação cultural todos os preconceitos raciais, sobretudo em relação ao negro, que tão grande contribuição deu à formação da cultura brasileira, a todos os aspectos de nossa brasilidade, à formação de nossa raça.

Só então o preceito constitucional de que "todos são iguais perante a lei" poderá começar a ganhar contornos de veracidade.

*Zuleika Alambert*  
*Presidenta do C.E.C.F.*

## Introdução

**E**ste documento decorre da política instituída pelo Conselho Estadual da Condição Feminina de São Paulo, no que diz respeito à problemática da mulher negra, que pela sua amplitude, deve perpassar todas as áreas de atuação do Conselho e ainda comporta um grupo de reflexão específico, com vistas a elaborar projetos que busquem a superação da situação existente.

Este posicionamento representa um avanço do movimento de mulheres no Brasil na medida em que este passa a assumir, de forma concreta, esta temática largamente ofuscada pela sociedade brasileira, que é o problema da discriminação racial e seus desdobramentos na problemática da mulher brasileira.

Como parte desta política geral em relação à questão da mulher negra, constituiu-se em maio deste ano, no âmbito do CECF, a "Comissão para Assuntos da Mulher Negra", na qual a proposta de elaboração deste documento é um dentre os projetos a serem executados.

Contrariando o discurso corrente na sociedade brasileira segundo o qual vivemos numa democracia racial, ou então que a atitude racista é esporádica e não costumeira na vida nacional, neste trabalho pretende-se demonstrar que o racismo e a discriminação racial compõem uma estratégia ampla de controle sobre o grupo negro, que atinge particularmente a mulher negra em todos os setores da vida social. O resultado de tais práticas é o confinamento de negros em geral e mulheres negras em particular, nos piores lugares da hierarquia social, tendo como consequência o privilegiamento do segmento social branco.

Esta estratégia ampla se consubstancia num conjunto de práticas que vão desde a divisão racial no mercado de trabalho, da qual decorre que as piores ocupações e os piores salários são destinados aos negros, às formas de representações simbólicas ou materiais expressas ao nível da educação formal e nos veículos de comunicação de massa, através dos quais é reiterada permanentemente a imagem do negro enquanto negatividade do corpo social. Isto revela o ideal arianista desta sociedade ironicamente negra ou mestiça, mesmo nas suas classes dominantes, pois raros são aqueles neste país que não carregam parcela de sangue negro.

Porém, a nova ordem social instituída com a derrota do autoritarismo pela restauração do processo democrático, abre perspectivas para que no âmbito das forças progressistas deste país, as denúncias aqui contidas não resultem em "denúncias vazias".

Canais de participação democrática têm sido restabelecidos nos últimos anos e uma nova Constituinte se avizinha, através da qual os setores marginalizados socialmente, lutam para estabelecer mecanismos políticos que garantam o acesso à cidadania a todos os setores sociais. Neste contexto, se coloca um segundo objetivo para este trabalho, qual seja, o de municiar e sensibilizar todos aqueles comprometidos com mudanças e com a busca de formas democráticas de convivência social para que atenham para a gravidade da questão racial no Brasil, que atinge proporções que se expressam, como será mostrado a seguir, em tentativas de controle de natalidade do grupo negro - que recaem sobre o corpo da mulher negra - ou nas diversas formas de marginalização social que determinam que sejamos maioria nas favelas, alagados, cortiços, hospícios, presídios, FEBEM, etc.

Finalmente, este trabalho pretende ser ao mesmo tempo um veículo de denúncia e conscientização sobre as diferentes facetas que a opressão sobre a mulher adquirem em sociedades multi-raciais como a brasileira e neste sentido, contribuir para que o "mito" da democracia racial possa se tornar realidade em nosso país.

# Secretária p/ diretoria

C/boa aparência, alta, branca, solteira de 20 a 29 anos, datilografia IBM, c/conhecimento em inglês, redação própria em Português, excelente salário. Comparecer Curriculum e foto, Av. Senador Feijó, 14 Santos. (X)

(Anúncio publicado no jornal "A TRIBUNA", de Santos, no dia 13 de abril de 1986.)

O anúncio acima vem confirmar que a principal barreira ao desenvolvimento profissional da mulher negra é a discriminação racial. Por causa da sua cor e sexo, ela é alijada do mercado de trabalho. O setor privado privilegia as trabalhadoras brancas, tidas como de "boa aparência" em detrimento da mulher negra, que é obrigada a exercer atividades de menor qualificação, mesmo que seja intelectualmente preparada.

Numa pesquisa realizada por Oracy Nogueira, onde foram entrevistados 223 empregadores que solicitavam empregados brancos através de anúncios de jornal, quando formulada a pergunta: "O senhor prefere empregado branco ou de cor?", o autor obteve as seguintes respostas:

*"Dos 223 informantes... 27, apesar de terem mencionado a cor branca em seis anúncios, negaram dar preferência aos empregados desta ou daquela cor. Dois anunciantes recusaram-se a responder a estas duas perguntas e os outros 194 responderam como segue:*

*48 anunciantes declararam que preferiam empregado branco, porém, não sabiam explicar a razão dessa preferência. Estranharam a pergunta, achando-a completamente descabida, dando a entender que achavam essa preferência 'muito natural'.*

*30 anunciantes preferem empregados brancos, alegando que os pretos são desonestos, roubando os patrões.*

*18 anunciantes acham que os pretos não são assíduos e, além disso, são inconstantes nos empregos.*

*12 anunciantes dizem que estão acostumados*

*porque estes iriam ter contato com as crianças'. 4 anunciantes dizem que 'os pretos são ordinários, não prestam'. Outros 4 alegam peremptoriamente: 'Não gosto de gente de cor'.*

*4 anunciantes alegam que não gostam de cozinheiras pretas porque não gostam do modo como elas fazem comida.*

*3 outros anunciantes preferem empregados brancos, devido à aparência.*

*Outros 2 acham que os pretos não são espertos, trabalhando muito devagar.*

*2 outros anunciantes acham que 'os pretos são sem-vergonha'.*

*1 acha que as empregadas negras são mais exigentes que as brancas.*

*1 acha que os pretos são preguiçosos.*

*Outro acha os pretos 'relaxados'.*

(Fonte: Nogueira, Oracy. *Tanto preto quanto branco*. São Paulo, T.A. Queiroz, 1941).

O mais interessante é constatar que 84,7% (172 pessoas) dos casos de anunciantes que revelaram uma atitude desfavorável em relação aos empregados de cor, eram católicos..." (Nogueira, Oracy, idem).

Não precisamos estar muito atentos para verificarmos que nos locais por onde transitamos (empresas, escolas, universidades, fundações, empresas estatais, funcionalismo público, etc), os cargos técnicos, científicos e educacionais a nível superior são, na sua maioria, ocupados por homens ou mulheres brancos.

São estes cargos que originam maior prestígio; portanto, melhor renda e maior mobilidade. Nestes grupos ocupacionais, as mulheres negras, designadas pelo Censo de 80 por pretas e pardas, no Brasil aparecem em 4,9% respectivamente, enquanto que as mulheres brancas aparecem em 16,8%.

Para se ter uma idéia, o Censo de 80 divulgava que

**Distribuição percentual da população feminina segundo a cor e rendimento médio mensal para o Brasil**

<b>Salário mínimo</b>	<b>Branças</b>	<b>Pretas</b>	<b>Pardas</b>
<b>Até 1/4</b>	<b>5,6</b>	<b>13,7</b>	<b>14,8</b>
<b>De 1/4 a 1/2</b>	<b>9,0</b>	<b>19,1</b>	<b>17,4</b>
<b>De 1/2 a 1</b>	<b>20,1</b>	<b>29,9</b>	<b>26,0</b>
<b>Sub-total</b>	<b>34,7</b>	<b>62,7</b>	<b>58,2</b>
<b>De 1 a 2</b>	<b>29,4</b>	<b>23,9</b>	<b>21,3</b>
<b>De 2 a 5</b>	<b>19,4</b>	<b>5,5</b>	<b>7,3</b>
<b>De 5 a 10</b>	<b>5,4</b>	<b>0,5</b>	<b>1,2</b>
<b>De 10 a 20</b>	<b>1,5</b>	<b>0,07</b>	<b>0,2</b>
<b>Mais de 20</b>	<b>0,3</b>	<b>0,007</b>	<b>0,04</b>
<b>Outros</b>	<b>9,2</b>	<b>7,2</b>	<b>11,6</b>

Fonte: IBGE, Censo de 1980.

**Negras impedidas por preconceito**

Municipal afasta coreógrafo após a denúncia de racismo

*Atriz denuncia racismo*

*Negras barradas depõem contra dono de bar*

O negro é discriminado  
A negra é marginalizada

Discriminações

Vítimas de discriminação racial vão à polícia hoje prestar depoimentos

Racismo preconceito

*Racismo pode levar dono de bar à prisão*

**Hotel demite acusado de barrar moça negra**

Os números evidenciam a discriminação

**discriminação velada mas inegável:**

Racismo às claras

*Por racismo, proprietário da Clube 96 pode ser preso*  
*Leci Brandão é barrada em prédio por ser preta*

**Menina negra é discriminada mas síndico pede desculpas**

Racismo velado  
É inte...  
Buicão dep...  
**racismo**  
ex...  
**Racismo**  
Racismo

Clube em Goiás

*Para entidades, País camufla racismo*  
*Discriminação*  
*acusa*  
*er é*  
*ada por*  
*mo*

**Arinos: — Uma questão cultural**

GERAL

**Negro baiano sofre tanto**

Precisa-se secretária, cor branca



Se a principal barreira para o desenvolvimento é a discriminação racial, como é que esta se materializa no trabalho?

É aqui que começa nossa difícil tarefa. Sempre dizemos que o racismo é abstrato e o que queremos mostrar é como vai se concretizando no dia-a-dia.

O depoimento a seguir mostra-nos que não basta ser "educada" e muito menos ter "boa aparência".

**"Meu nome é Roseli de Brito Baptista, tenho 23 anos, sou negra, estou cursando o 7º período de Serviço Social, trabalho como secretária, tenho 1,69m de altura e peso 56 quilos.**

**Como todos nós bem sabemos, o custo de vida aumenta a cada dia; não está fácil para ninguém. Diante desta crise econômica procuramos caminhos, soluções que na maioria dos casos, resolvem nossos problemas paliativamente. Eu e minha irmã resolvemos trabalhar como folheteiras na Sérgio Dourado Empreendimentos Imobiliários Ltda.. O trabalho é cansativo, nos sujeitamos a ouvir piadinhas de mau gosto, aturamos pessoas irritadas porque em cada sinal de trânsito que param, recebem um folheto e, por isso, muitas vezes, nos fazem grosserias. Trabalhamos durante cinco horas, sem direito a intervalo ou sequer podemos sentar. O único direito que temos é o de beber água e o dever de entregar folheto.**

**A Sérgio Dourado paga a cada garota, para entregar folheto, Cz\$ 2,5 mil. Sendo que esta quantia desconta ISS, desconto do qual não nos é entregue nenhum comprovante de recolhimento. Claro que pessoas que realmente precisam trabalhar se sujeitariam a este subemprego.**

**A partir da contratação do sr. Moisés, atual Diretor Jurídico e Financeiro, passou a ser proibida a contratação de pessoas negras para executar o célebre serviço de entregar folhetos. Ordem esta que fora dada pelo Ilmo. Sr. Moisés, segundo informação dada pelo setor encarregado de selecionar garotas para entregar folhetos.**

**Engraçado! Será que o Sr. Moisés quer mostrar às pessoas que circulam nos locais onde os folhetos são distribuídos que não existem negros no Estado do Rio de Janeiro? De acordo com a pessoa encarregada de selecionar folheteiras, 'apesar de eu e a minha irmã sermos bonitas e educadas, somos negras, e isso o Sr. Moisés não quer'.**

**Provavelmente, o Sr. Moisés, apesar de ser Diretor Jurídico, esqueceu-se de que há uma lei, conhecida como Afonso Arinos, de nº 1930, de 03/07/1951, que proíbe o racismo. O Sr. Moisés deveria também conhecer melhor nosso País, nossas características culturais e étnicas. Seria um bom início de aprendizagem se ele circulasse por toda a cidade. Talvez, quem sabe, com a sua ilustre sabedoria, seria capaz de perceber que existem pessoas negras, brancas e mestiças e que uma de nossas características marcantes é a miscigenação.**

**provavelmente, não devem ter conseguido obter emprego ou ter oportunidade de desenvolver-se profissionalmente dentro de uma empresa por serem negras?**

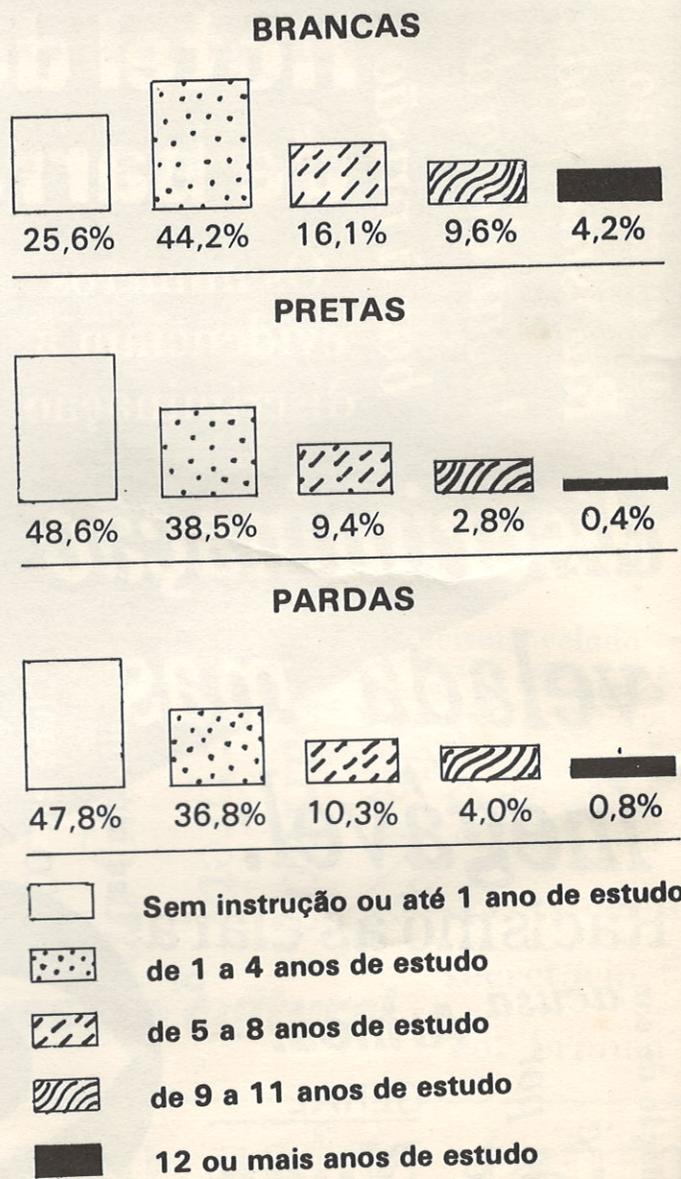
**Cada vez mais a frase de Charles de Gaulle, em relação ao Brasil, angaria mais adeptos. Realmente, 'este não é um País Sério'.**

**Roseli de Brito Baptista - Rio".**

*(Seção Cartas, "Jornal do Brasil", 12/08/83).*

Vemos no gráfico a seguir, que 90% das mulheres negras só completam até quatro anos de estudo. A consequência desse fator é a concentração das mulheres negras no setor de baixíssima remuneração, que é o emprego doméstico e o setor rural. Tanto uma categoria como outra até hoje não adquiriram "estatuto de trabalhador", pois não têm direito às várias conquistas conseguidas pelo conjunto dos trabalhadores.

### Distribuição percentual das mulheres por anos de estudo (pessoas de 5 anos ou mais)



Como as empregadas domésticas, que não têm direito a piso salarial, descanso remunerado, folga semanal, férias de 30 dias, FGTS, jornada de trabalho regulamentada, as trabalhadoras rurais reivindicam também aposentadoria aos 25 anos de trabalho, creche nas usinas ou nas cidades, equiparação salarial garantida por lei para o mesmo tipo de trabalho exercido pelo homem; reforma agrária com título de posse para a trabalhadora rural; assistência à saúde e condições mínimas de higiene.

Outra questão referente às domésticas, segundo denúncia da Associação das Empregadas Domésticas do Estado de São Paulo, é a de que em função da onda de assaltos que assola as cidades, nos prédios onde existe entrada para empregados, esta está sendo fechada e as empregadas, forçadas a entrarem pela garagem dos prédios.

*"Uma das criações mais originais da sociedade brasileira é o elevador 'social'. Antes de mais nada, a definição. É assim chamado o elevador ao qual não podem ter acesso as empregadas domésticas (até há pouco tempo, criadas), os fornecedores às vezes os cachorros - não necessariamente nessa ordem...*

*... o elevador dito de serviço é destinado ao transporte vertical desse contingente, com ênfase no feminino...*

*Fundamental para esse sistema de apartheid - porque a maioria das criadas são negras e mulatas - é a fiscalização. Coordenados pela liderança intelectual do síndico, atuam zeladores e porteiros, como a polícia na África do Sul, em bom número também negros e mulatos, da mesma classe social dos que frequentam o elevador de serviço".*

*(Paulo Sérgio Pinheiro. "O Elevador e a Paz Social", Jornal "Folha de São Paulo", 14/01/86).*

O Rio de Janeiro resolveu em parte esta situação. A lei que entrou em vigor e dá livre acesso pelo elevador social é mais uma arma para lutar contra a discriminação. Mas não basta.

**"O governador do Estado do Rio de Janeiro: Faço saber que a Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro decreta e eu sanciono a seguinte lei:**

**1º - É vedada a restrição de acesso de pessoas às unidades de edifícios de qualquer natureza, mediante a discriminação do uso das entradas, elevadores e escadas dos prédios, em virtude de raça, cor ou condição social.**

**2º - Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário".**

**(Fonte: "Determinação abrange entradas e escadas", jornal "Folha de São Paulo", 3/1/1986).**

A Associação Brasileira de Administração de Imóveis - ABADI, sentiu-se tão ameaçada com tal medida que nunca em recorrer ao Supremo

**elevador social? Nesse caso teria de se misturar com criadas e cachorros. Alguns síndicos, para contornar essa delicadíssima questão, resolveram fazer vista grossa.**

**E os cachorros da madame branca, se tiverem sido levados para passear pela amorosa dona? Quantos traumas caninos, se os bichinhos tivessem de ser separados à entrada do prédio, destinados à companhia das criadas. Ainda não se conhece nenhum caso de elevador exclusivo para animais".**

**(Fonte: Paulo Sérgio Pinheiro, idem)**

Animais também não gostam muito de empregada doméstica negra, segundo relato de Maria Iris dos Santos, sócia-proprietária de uma agência de empregadas domésticas na Zona Sul de São Paulo: **"As vezes, elas ligam e já dizem que não são racistas. Mas não querem empregadas negras porque o cachorro não gostou ou porque o filho é pequeno e não está acostumado"** (Jornal "Folha de São Paulo", 1/8/85).

Além da questão fundamental que é a não-regulamentação trabalhista, a empregada doméstica está sujeita a humilhações do tipo:



**362 dias por ano sua empregada sonha com uma roupa de passista. Dê a ela um uniforme bonito**

Safira, roupas para o trabalho.  
Rua do Matoso, 118-138 - Tel. 264-4332\*  
Estacionamento próprio à Rua do Matoso, 132

\*Imprensa sediada no Rio de Janeiro



**SAFIRA**

ROUPAS INDÚSTRIA E COMÉRCIO LTDA

Este anúncio nos leva a pensar que a única aspiração (meta) da mulher negra, em especial aquelas que são empregadas domésticas, é uma roupa de passista e quatro dias de folia. É misturado - propositadamente - o prazer lúdico do Carnaval com aspirações e expectativas profissionais, educacionais, culturais, etc., que ela venha a ter.

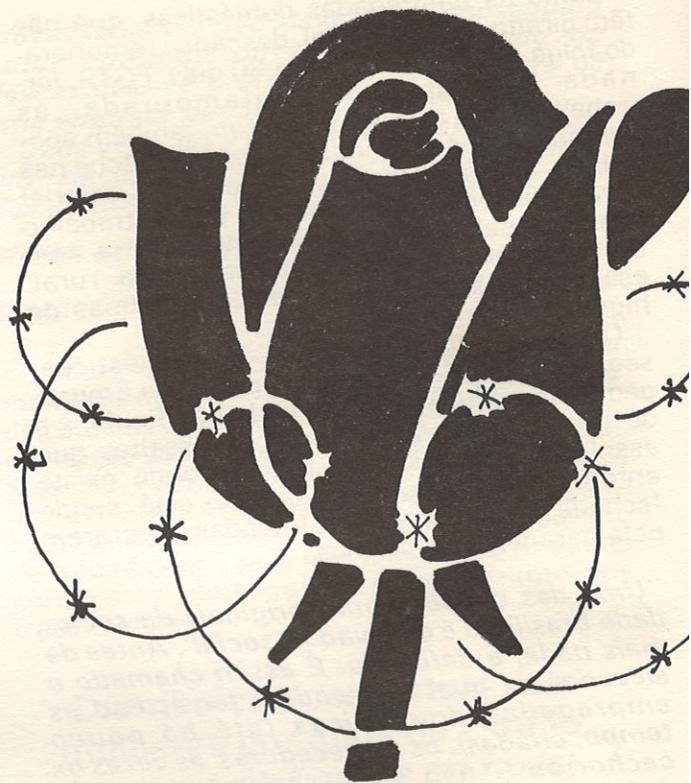
Uma outra denúncia da Associação das Empregadas Domésticas diz respeito à especificação da cor para exercer determinadas funções. Assim, as patroas exigem que para trabalhar como babá, acompanhante, copeira, arrumadeira e governanta, necessariamente precisam ser brancas. Para cozinhar, lavar e passar, podem ser negras.

A discriminação em todos os setores é tão evidente, principalmente no trabalho, que foi criado, em janeiro de 1986, junto à Secretaria Estadual das Relações do Trabalho, o Grupo de Orientação e Interferência em Situações de Discriminação Racial no Trabalho. Segundo depoimento de Adomair Ogunbiyi, assessor deste Grupo, *"temos percebido que a maioria das denúncias são feitas por mulheres negras. Os homens, não atingem 1/5 das denúncias aparecidas no Grupo, fato este que coloca as mulheres à frente do embate com os empregadores"*.

*"A telefonista-recepcionista Dulcinéia Ribeiro esteve na redação deste jornal para denunciar a discriminação racial na Embratel de Osasco (avenida Santo Antônio nº. 2.500). Ela contou que foi considerada qualificada para trabalhar naquele setor da estatal, através da Temperson - Time Serviços Empresariais Ltda. (rua da Consolação nº. 37 - 10º), que contrata funcionários para a Embratel, depois que as demissões foram proibidas pelo Governo Federal.*

*'Dez dias depois, afirma ela, eu continuava trabalhando sem cartão de ponto e sem registro. Procurei o gerente da Embratel em Osasco, Antônio Colin, e cobre uma definição sobre a minha situação na empresa e ele afirmou que 'não ia segurar essa barra, porque não era ele quem tinha problema de preconceito racial'. Dulcinéia disse que, atarantada com a afirmação do gerente, foi procurar o gerente-geral da estatal, Roberto Santiago, na Rua dos Ingleses nº. 600. 'Ele tentou, de todas as maneiras, contornar a situação, dizendo que não havia o problema do preconceito racial, mas, sim, que as contratações para as duas vagas existentes em Osasco haviam ficado a cargo do gerente daquele Município, e que eu, de qualquer forma, não ficaria desempregada, porque ele ia dar um jeito. Mas não sei se cumprirá a promessa'.*

*'A verdade - afirma Dulcinéia - é que a minha contratação não foi confirmada e foram admitidas duas moças brancas para as vagas.*



A Revista "Afinal", no seu número 108, traz uma matéria cujo título é "A Negra beleza proibida", com o sub-título: "São belíssimas, são elegantes, são competentes, são sucesso no exterior. Aqui as modelos negras são discriminadas". Vejam os depoimentos:

*"Para a passarela a gente encontra trabalho, porque num desfile é necessário misturar", diz Regina Barbosa, 23 anos, quatro de profissão. "Mas para anúncios e publicidade em revistas ou mesmo televisão, nem pensar. O máximo que conseguimos é um papel de empregada doméstica. Figuração em filme: só se for bem lá no fundo. Para sobreviver tenho que trabalhar em publicidade ou em anúncios que são veiculados no exterior. Recentemente fiz uma propaganda para Embaixada da Áustria que já está nas redes européias de televisão. Aqui no Brasil já alguns comerciais, mas como figurante. I próximo mês começará a ser veiculado o filme que fiz, onde sou empregada doméstica".*  
(Revista "Afinal" nº. 108, 23/02/86, 48).

O preconceito, e conseqüentemente a discriminação, estão enraizados no brasileiros e são admitidos pelas pessoas que têm poder de influência ou decisão na colocação das modelos negras.

Regina Lemos, que em agosto de 1984 Editora de Modas da Revista "Capricho", recebeu dar uma capa com a modelo negra Miriam, diz: "A capa saiu, mas a reação da direção da empresa não foi das melhores. Segundo foi uma das edições que menos vendeu".

Constanza Pascolato, Diretora de Modas da "Cláudia Moda", admitiu na mesma reportagem que "Cláudia Moda" não vendeu toda a coleção de verão.

**foi uma das que menos vendeu. O povo brasileiro é preconceituoso”.**

Em contraposição, Roberto Duailibi, da agência DPZ afirma: **“Absolutamente. A condição para ser modelo é ser bonita. Se for bonita vende. Não acredito que uma modelo negra da capa de uma revista possa diminuir a vendagem... Os clientes reagem bem... Acredito que este processo possa ser interrompido pelos fotógrafos”.**

Será que a única condição para a vendagem de um produto é ser bonita, como afirma Duailibi? Se não, vejamos:

**“Eu não trabalho com modelos negras”, afirma categórico Rubens Claudino Rodrigues, da Central de Modelos, uma das principais agências de São Paulo. Não sei se é uma questão de preconceito dos clientes ou uma questão de mídia. Prá falar a verdade, entre mais de 100 modelos brancas eu só tenho uma negra. Não adianta nada eu ter mais nos meus quadros, várias modelos, se não vou conseguir trabalho para elas”.**

*(Revista “Afinal”, nº 108, pag. 47)*

Percebemos que para a modelo negra não basta só ser bonita. Sua imagem está, quase sempre, associada à desvalorização do produto como afirma Fátima Jordão, em depoimento no seminário “Imagem do Negro nos Meios de Comunicação”, realizado pelo Instituto Brasileiro de Estudos e Apoio Comunitário - IBEAC, em agosto de 1986:

**“... trabalho com pesquisa de opinião, sobretudo na área política. Às vezes, o raciocínio que se faz, tomando a publicidade como algo arqui-racional, encobre o preconceito real. Fala-se em quantificar o consumidor porque em propaganda não se pode comunicar com um público que não seja o consumidor - negro tem pouco poder aquisitivo, então não pode ser alvo da publicidade - ou que a publicidade projeta a fantasia e esta não incorpora o negro como aspiração. Na verdade, para romper este círculo, o caminho não é fornecer dados para alimentar esta irracionalidade. Há um violento preconceito na área de marketing. Evita-se conectar um produto à imagem do negro, pois esse produto seria degradado, depreciado”.**

Neste mesmo seminário, Raul Cruz, Presidente do Clube de Criação de São Paulo e Diretor da Denison Propaganda, ajuda-nos a compreender a imagem que se pretende veicular nos meios de comunicação:

**“... acho que a propaganda é racista no mesmo sentido em que é machista. A propaganda é um reflexo da sociedade, principalmente enquanto sociedade de consumo. É racista em relação ao negro, machista em relação à mulher... Cansei de fazer filmes nos quais tentava colocar uma personagem negra e o cliente recusava, a não ser que fossem colocados um japonzinho, um branquinho e um negrinho”. .... Os maiores clientes são multinacionais. As pessoas na área de decisão em geral são estrangeiros e o padrão, o modelo copiado é dos grandes clientes, e para eles, usar negros é complicado porque na Inglaterra não se usa, na Alemanha idem.**

A modelo negra está dissociada do padrão de beleza mas está intimamente relacionada ao binômio degradação/desvalorização de qualquer produto, o que é justificado através de um “duvidoso” perfil do consumidor, como podemos constatar nas palavras de Armando Santana, proprietário da Companhia Brasileira de Publicidade Armando Santana:

**“... 80 a 90% da propaganda no Brasil tem como objetivo atingir 2% da população, no máximo 10% e nesta faixa raríssimos pretos se incluem. Por exemplo, poucos negros têm seu carro próprio. Nos Estados Unidos o negro é um grande consumidor. Na Bahia, temos 70% da raça negra e não vemos nenhum anúncio dirigido ao negro, pois ele não é consumidor ...”**

Será mesmo? Hélio Santos, membro da Comissão Provisória de Estudos Constitucionais e 1º Presidente do Conselho de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra nos mostra que não:

**“Apesar da preocupação do Armando Santana de atingir os 2% do mercado, nós negros somos efetivamente consumidores. 55 milhões de pessoas, mesmo em condições de sub-consumo, se quantificarmos, deve dar a população do Peru, ou metade da Argentina. Se imaginarmos 55 milhões de pessoas como sub-consumidores de alguns produtos, mesmo para uma população de 45%, representa muito... A população negra consome e somada, ela consome e não consome pouco. A população negra fuma, usa sabonete, ainda que consuma sabonete de segunda categoria, pois ela não consome efetivamente como a classe A. Nós temos realmente pouquíssimas famílias negras nessa faixa, mas se somarmos as classes B, C e D, das quais somos a esmagadora maioria, nós consumimos. A sociedade brasileira, é desnecessário afirmar aqui, é racista e isso para os que fazem a propaganda do mercado consumidor do país. Isso é transmitido naturalmente para esses setores”.**

*(Hélio Santos, depoimento prestado no seminário “O Negro e os meios de comunicação”, realizado pelo IBEAC, 20/09/86).*

A situação para o negro não é diferente em outros setores tais como cinema, rádio, teatro e televisão:

**“Dispus-me a fazer o curso de atriz e trabalhar também como diretora na esperança de fazer carreira. Tive que me aposentar como atriz, cansada de fazer papel de empregada doméstica ou de prostituta, quando o papel era pequeno. Quando o papel de prostituta é grande, é muito bom, então não pode ser uma atriz negra... Do que sabemos da História do Brasil, em nenhum momento houve qualquer preocupação com a personagem negra. Houve na realidade uma postura de macaquear o negro e essa realidade não foi de antes nem depois, continua sendo a postura da História do Brasil...”**

Para não citar todos os casos, dois deles são mais ilustrativos, pois é a mesma situação que se repete num intervalo de 59 anos:

*"A produção da Ópera Aída - que vai estrear no Teatro Municipal (RJ) - encheu os jornais com anúncios à procura de bailarinas negras. Era para o papel de escravas etíopes.*

*As nove bailarinas selecionadas num teste preliminar foram parar nas mãos do coreógrafo Dennis Grey, que não gostou do desempenho de nenhuma delas.*

*Além de mandá-las para a rua, o coreógrafo chamou-as de 'negrinhas' e 'mulatas do Sargentelli'. E emendou:*

*- Prefiro bailarinas brancas pintadas de preto".*

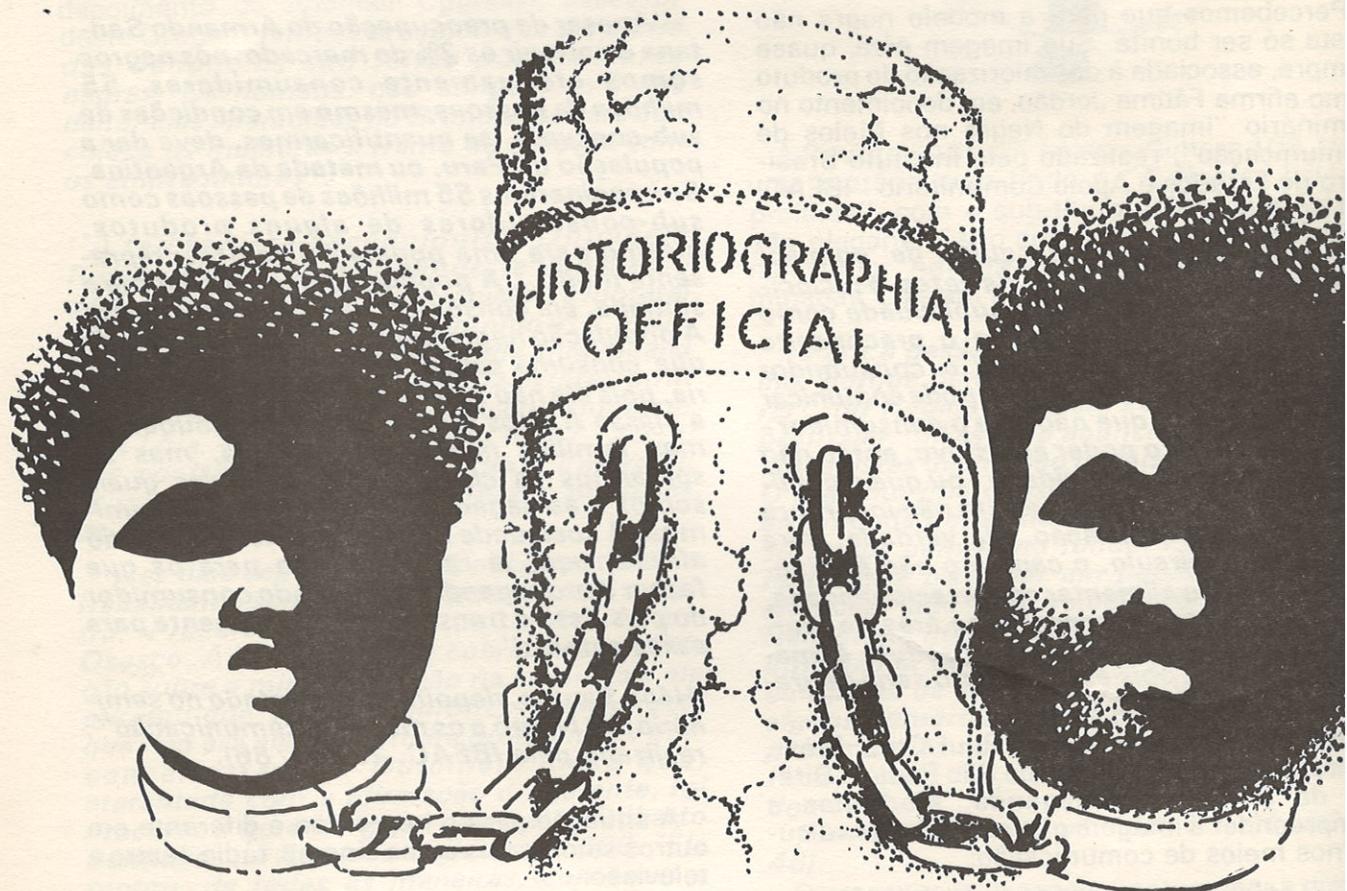
*(Fonte: "Racismo", "Jornal do Brasil", 12/06/86).*

*"... minha avó, Zaira de Oliveira, já falecida, era cantora lírica. Num concurso do Teatro Municipal, em 1921 (grifo nosso), classificou-se em primeiro lugar para solista da Ópera Aída. Foi preterida e não participou porque era negra (o prêmio, uma medalha de ouro, ela recebeu).*

*Contrataram uma cantora italiana, branca, pintaram-na de preto e ela acabou sendo solista. Minha avó, naquela época, era considerada uma das melhores do mundo.*

*Outro dia sofri este mesmo preconceito no Teatro Municipal: fui assistir, com minha mãe ao Balé Bolshoi, e o porteiro logo nos encaminhou para a galeria sem sequer olhar para o bilhete. Reclamamos, ele pediu desculpas e nos conduziu para a frisa".*

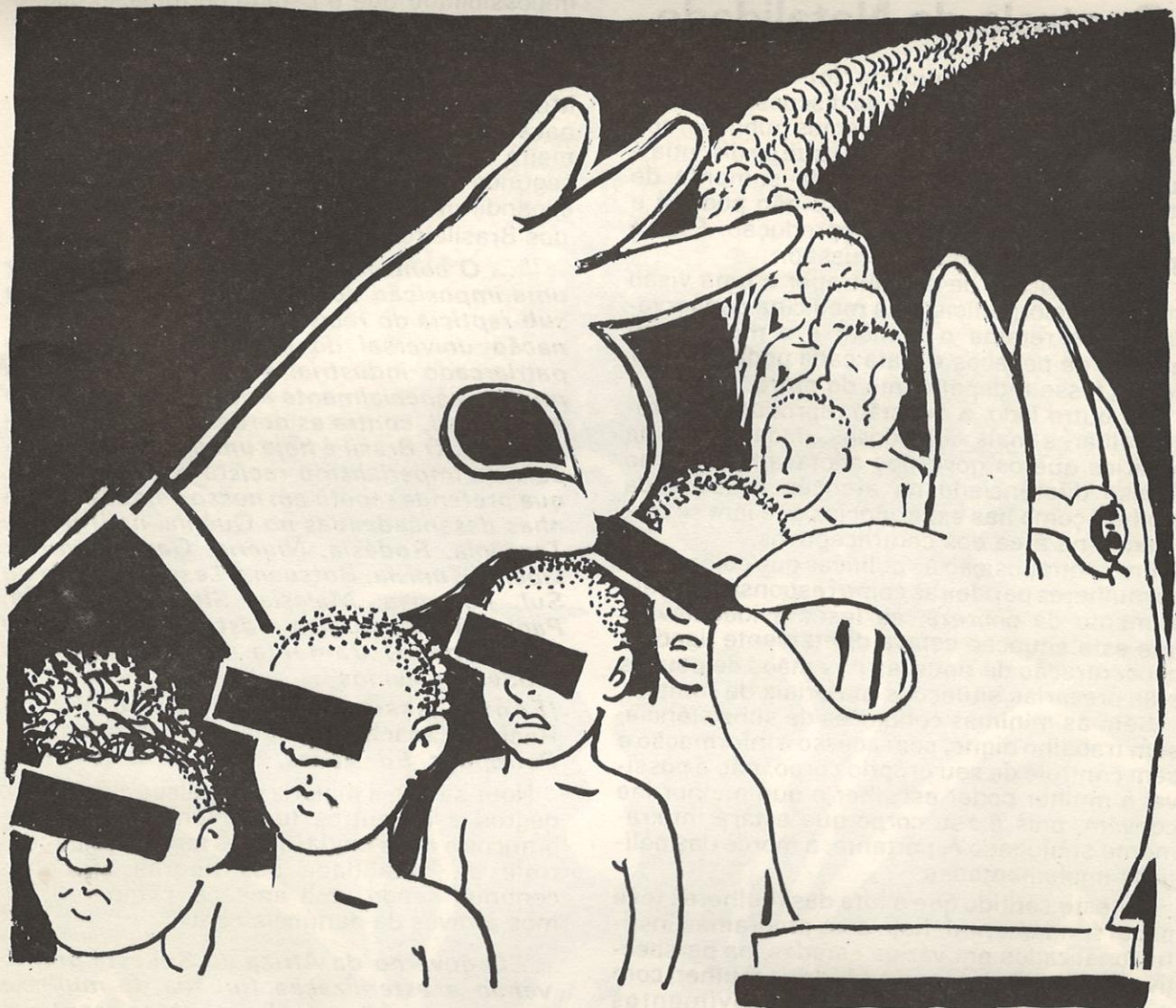
*(Márcia Zaira, 28 anos, depoimento ao "Jornal do Brasil", 22/06/86).*



*"... em termos de educação formal, a escola aí está, caracterizando a diferença de papéis sexuais com inferiorização. Quem de nós não sabe que a ideologia que perpassa nos textos e nas práticas didáticas é marcada pelo etnocentrismo e o sexismo? Isto sem falar nos privilégios de classe que ela exalta. Poderíamos dizer que, a partir dessa ideologia, nossas crianças são induzidas a acreditar que ser homem, branco e rico constitui o bem supremo a ser atingido. Por contraposição,*

*ças negras pobres e de sexo feminino. racismo, sexismo e dominação de classe constituem os valores positivos veiculados pela escola, não é de estranhar que os índices de evasão escolar, que ocorrem já no 1º grau, sejam tão escandalosamente elevados. O atrativo pode ter a escola para uma criança negra, se a família que lhe apresentam como modelo é aquela da classe média branca, 'branca e rica', vivendo numa espécie de paraíso.*

*Que atrativo pode ter a escola para uma criança negra se a opressão e a exploração*



*subserviência e não de resistência e de luta contra a violência do sistema imposto pelo dominador branco? Que atrativo pode ter a escola para uma criança negra, se a produção cultural de sua Comunidade só é considerada a partir da ótica distorcida do exotismo, nas camadas do folclore?*

*Que atrativo pode a escola oferecer a uma criança negra se sua presença mesma, de criança negra e pobre, é cotidianamente negada nas atividades didáticas? Que atrativo poder ter a escola para uma criança negra se quando ela reage às práticas infantilizantes e repressivas dessa mesma escola, é remetida para os setores de 'assistência' psicológica ou psiquiátrica como 'desajustada' ou coisas tais? Nem mesmo o único atrativo que lhe é oferecido, ou seja, a merenda escolar, consegue reter por muito tempo o contingente de crianças negras e pobres que frequentam a rede escolar oficial. Preferem 'ir à luta', viver de expedientes, de pequenos trabalhos 'prá ajudar em casa' do que 'perder tempo' na escola. O mínimo de salário que venham a ganhar lhes parece muito mais compensador do que ficar 'quebrando a cabeça'. E têm toda razão infelizmente. Diante da falência da escola, cabe-nos não somente propor a mudança dos currículos de 1º, 2º e 3º graus, mas criarmos formas alternativas de educação a partir da herança cultural*

*oficiais.*

*Por tudo isso, nós mulheres negras, que desenvolvemos um trabalho de militância, temos grande responsabilidade junto à nossa Comunidade. Justamente por que somos nós, enquanto mulheres e portanto perpetuadoras dos valores culturais de nossa ancestralidade, quem passamos para nossas crianças os primeiros elementos de um modo de relação com o real. Nesse sentido é da maior importância avaliarmos nossa responsabilidade enquanto irmãs e irmãos, enquanto companheiras, enquanto mães, enquanto trabalhadoras. Sem uma lúcida percepção do nosso lugar dentro e fora da Comunidade negra, nossa militância poderá se perder na afirmação e prática repetitiva do que nos é estranho. Pois é por aí que, entre nós se instaura o fantasma do branqueamento que, em última instância, nada mais é do que a nossa perda de identidade. Por outro lado, não podemos perder de vista que a afirmação de identidade não significa de modo algum a proposição de uma política de 'guetização'. É na relação dialética de nossa identidade com outras, que estaremos contribuindo efetivamente para a constituição de uma sociedade democrática. Afinal, democracia implica no diálogo, na convivência e no respeito às diferenças''.*

## Controle da Natalidade

O Movimento Feminista foi fundamental para a disseminação da discussão sobre a saúde da mulher nos organismos públicos, sob a ótica da sua integralidade. O que se discutia é que a mulher não é composta somente de útero, e que portanto a ênfase não poderia e nem deveria ser dada na reprodução. Este é apenas um aspecto da discussão.

Tarefa difícil a de se contrapor a uma visão mecânica e organicista da medicina conservadora, que retalha o homem e a mulher em milhões de pedaços e trata cada pedaço como se um fosse independente do outro.

Por outro lado, a questão reprodutiva mereceu olhares mais cuidadosos, dada a falta de critérios que os governos adotavam, tanto no acesso diferenciado na atenção à saúde da mulher, como nas experiências que iam se efetivando na área dos contraceptivos.

Em contraposição às políticas que colocavam as mulheres parideiras como responsáveis pelo aumento da pobreza, as teses evidenciavam que esta situação estava diretamente ligada à concentração de riquezas nas mãos de poucos e às precárias situações materiais de muitos.

Sem as mínimas condições de subsistência, sem trabalho digno, sem acesso à informação e sem controle de seu próprio corpo, não é possível à mulher poder escolher o que melhor lhe convém, pois é seu corpo que estará inteiramente subjugado e, portanto, à mercê das políticas implementadas.

É neste sentido que a luta das mulheres teve papel fundamental, hoje com programas institucionalizados em vários Estados, na perspectiva de atenção integral à saúde da mulher, com a participação conjunta dos movimentos sociais e com a certeza de que as conquistas ainda não satisfazem a plena cidadania e que é preciso continuar lutando.

Neste trabalho, escolhemos um aspecto que tem sido motivo de controvérsia no seio do Movimento Feminista, tendo as mulheres negras encontrado resistências à reflexão do tema: planejamento familiar ou controle da natalidade?

O tempo tem demonstrado que para as mulheres negras, tanto uma denominação como outra, têm levado a um mesmo lugar: o controle de sua prole.

Futuramente deverá ser explorada, com maior cuidado, a relação controle demográfico e população negra. Por ora interessa-nos denunciar como é antiga a preocupação com o contingente feminino não-branco por parte dos governos e agências internacionais no controle de sua natalidade.

A combinação do binômio pobre e negro tem colocado a população feminina negra à mercê das políticas controlistas disseminadas por todo o país. Isto tem levado inúmeras mulheres a verem seu corpo controlado pelo Estado, através de farta distribuição de pílulas anticoncepcionais, laqueaduras, anticoncepcionais injetáveis etc., às vezes proibidos no país de origem, sem propiciar acesso às informações

impossibilitou que o Estado permitisse, desde 1964, a ação de instituições privadas como a Sociedade Civil do Bem Estar Familiar - BEN-FAM - e do Centro de Assistência Integrada à Mulher - CEPALIMC -, nas atividades de coordenação e planejamento familiar no Brasil, a primeira atuando no eixo Norte/Nordeste e a segunda no eixo Rio/São Paulo, as quais se expandiram posteriormente por todos os Estados Brasileiros.

*"... O controle da natalidade, além de ser uma imposição do imperialismo, é manobra sub-reptícia do racismo e constitui discriminação universal do machismo, isto é, do patriarcado industrial e científico contra a mulher, especialmente as do Terceiro Mundo e no Brasil, contra as nordestinas particularmente ... O Brasil é hoje um dos alvos principais do imperialismo racista e antinatalista, que pretende repetir em nosso país as campanhas desencadeadas no Quênia, na Uganda, Tanzânia, Rodésia, Nigéria, Gana, Zâmbia, Libéria, Tunísia, Botsuana, Lesoto, Coréia do Sul, Formosa, Malásia, Singapura, Índia, Paquistão, Porto Rico, Costa Rica, República Dominicana, Jamaica e outros países subdesenvolvidos".*

*(Fonte: Assis Pacheco, Mário Victor, Racismo, machismo e planejamento familiar. Petrópolis, Ed. Vozes, 1981, p. 21).*

Note-se que a maioria dos países citados são negros e os outros fundamentalmente não-brancos e mais ainda, que as tentativas de controle da natalidade das negras africanas continua sendo uma ameaça, como verificamos através da denúncia abaixo.

*"O governo da África do Sul está promovendo a esterilização forçada de mulheres negras, para controlar o crescimento da população negra e garantir o sistema de segregação racial com supremacia branca (apartheid). A denúncia foi apresentada em Nairobi, capital do Quênia (Leste da África), por Gertrude Shope, líder da seção feminina do Congresso Nacional Africano, a principal organização guerrilheira negra a combater o apartheid, perante a Conferência Mundial da Mulheres promovida pela ONU. Segundo Shope, as mulheres negras sul-africanas são obrigadas a apresentar certificados fornecidos pelos centros de planejamento familiar para poderem conseguir um emprego".*

*(Fonte: "África do Sul acusada de esterilizar os negros", jornal "Folha de São Paulo", de 19/07/85).*

Mas voltando para o Brasil, e especificamente para São Paulo, em 1982 as mulheres negras foram surpreendidas diante da denúncia feita pelo Deputado Luís Carlos Santos criticando a proposta de esterilização das mulheres negras e pardas.

*"O deputado Luis Carlos Santos ... afirmou ontem da tribuna da Assembléia Legislativa que o estudo do GAP-BANESPA propondo um plano de controle da natalidade divulgado por ele há dias, referente ao Censo de 1980, no qual apontou tendências claramente racis-*





Paulo de Queirós, para todos dos GAPs do governo, pedindo sugestões e debates a respeito'.

Santos assinalou que o sentido racista é evidente na advertência de que os brasileiros 'não-brancos' serão cerca de 60% da população nos próximos 20 anos, representando uma maioria suficiente para decidir eleitoralmente os destinos políticos do país'.

(Fonte: "Deputado denuncia racismo em projeto", jornal "O Estado de São Paulo", 10/09/82).

O Grupo de Assessoria e Participação - GAP, criação do Governo do Estado da época, tinha como objetivo formular propostas em todos os níveis para o Governo do Estado. E nesta passagem do documento que fica evidenciada a proposta de esterilização das mulheres negras.

"De 1970 para 1980, a população branca reduziu-se de 61% para 55% e a parda aumentou de 29% para 38%. Enquanto a população branca praticamente já se conscientizou da necessidade de se controlar a natalidade - principalmente nas classes médias e alta - a negra e a parda elevam seus índices de expansão em 10 anos, de 28% para 38%. Assim, temos 65 milhões de brancos, 45 milhões de pardos e 1 milhão de negros. A manter essa tendência, no ano 2.000 a população parda e negra será da ordem de 60%, por conseguinte muito superior à branca. E eleitoralmente poderá mandar na política brasileira e dominar todos os postos-chave. A não ser que façamos como em Washington, capital dos Estados Unidos, onde devido ao fato da população negra ser da ordem de

O que norteia a proposta de esterilização de mulheres negras e pardas é a perspectiva de manutenção da hegemonia branca no poder, a partir da possibilidade de que no ano 2.000 os negros venham "a eleitoralmente... mandar na política brasileira e dominar todos os postos-chave". Em nenhum momento a preocupação é de maior distribuição das riquezas produzidas pelos trabalhadores, mas sim de fazer calar bocas que, mais tarde, viriam a se rebelar.

A cada momento o perigo aumenta e as campanhas também. O caso do Centro de Pesquisa e Assistência em Reprodução Humana - CPARH que atua em Salvador, serve para as mulheres negras como um alerta:

**"UMA PECHINHA.** Baratos assim, porém não somente pelo excesso do produto no mercado - cerca de 40% da população (sem contar os mestiços) - mas principalmente pelo defeito de fabricação. Encontram-se à venda a partir de 13 de maio de 1988, data em que a abolição será extinta, no Bairro Nazaré, Maternidade Crimério Oliveira, Centro de Pesquisa e Assistência em Reprodução Humana, com o Dr. Elsimar Coutinho, na Bahia. Outro endereço para se encontrar negrinhos defeituosos a preço de banana é a Ladeira do Porto da Barra na CBPA-Propeg, com o publicitário Fernando Barros. Caso não seja possível encontrar os endereços no fácil tráfego da bela Salvador use, para reservas antecipadas os telefones 243.0003 ou 243.2134".

"Não é só a inocuidade do artigo 153 do parágrafo primeiro da Constituição, que descreve o racismo como contravenção, e não como crime, o que impede o negro de ter seus direitos atendidos neste país. Parece também que a Lei Afonso Arinos é letra morta, estando ultimamente em vigência as teorias racistas de Cesare Lombroso (para quem o criminoso tem cara de criminoso) ou os discursos do barão de Cotegipe, contrário à Abolição.

Uma prova da perpetuação do preconceito racial contra negros vem sendo dada na Bahia há mais de um mês. O Centro de Pesquisa e Assistência em Reprodução Humana - um 'sanatório' de planejamento familiar criado pelo médico Elsimar Coutinho - lançou nos jornais e na televisão uma campanha publicitária, dia 24 do mês passado, visando a recolher fundos.

Criada gratuitamente pelo publicitário Fernando Barros, vice-diretor da agência de propaganda CBBA-Propeg, a campanha tem dois anúncios: um deles põe o slogan 'Defeito de fabricação' ao lado da fotografia de um garoto negro com correntinhas no pescoço, acanivete na mão e uma tarja nos olhos. Acompanhando o conjunto, o seguinte texto: 'Tem filho que nasce para ser artista. Tem filho que nasce para ser advogado ou vai ser embaixador ... Infelizmente, tem filho que já nasce marginal'.

O outro anúncio utiliza uma fotografia

É este mesmo senhor, Elsimar Coutinho, que já na década de 70 era denunciado pelo Dr. Mário Victor A. Pacheco, em seu livro já citado, e continua sendo criticado pelos grupos de mulheres de ser um "grande financiamento do exterior", financiado pela Organização Mundial de Saúde para fazer experiências com novos anticoncepcionais fornecidos do exterior, na Universidade Federal da Bahia.

Milton Gonçalves, neste mesmo artigo alerta: "Ele não é um débil mental, pelo contrário. É um senhor perigoso, com muito respaldo político e científico", a serviço de uma ideologia de extermínio dos povos não-brancos".

**"Cinquenta empresas fornecem recursos financeiros para a manutenção da entidade, que conta também com a ajuda do governo estadual. Já foram assinados dois convênios entre o CPARH e órgãos governamentais". ("Tenha um escravo em casa", jornal "O Globo", 01/06/86, Caderno B/Especial, p.5).**

Embora nos últimos anos tenha havido um empenho no sentido de formalizar, através das redes públicas de saúde o Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher, incluindo ações de concepção e contracepção, isto não elimina a necessidade de uma vigilância constante sobre as atividades desenvolvi-

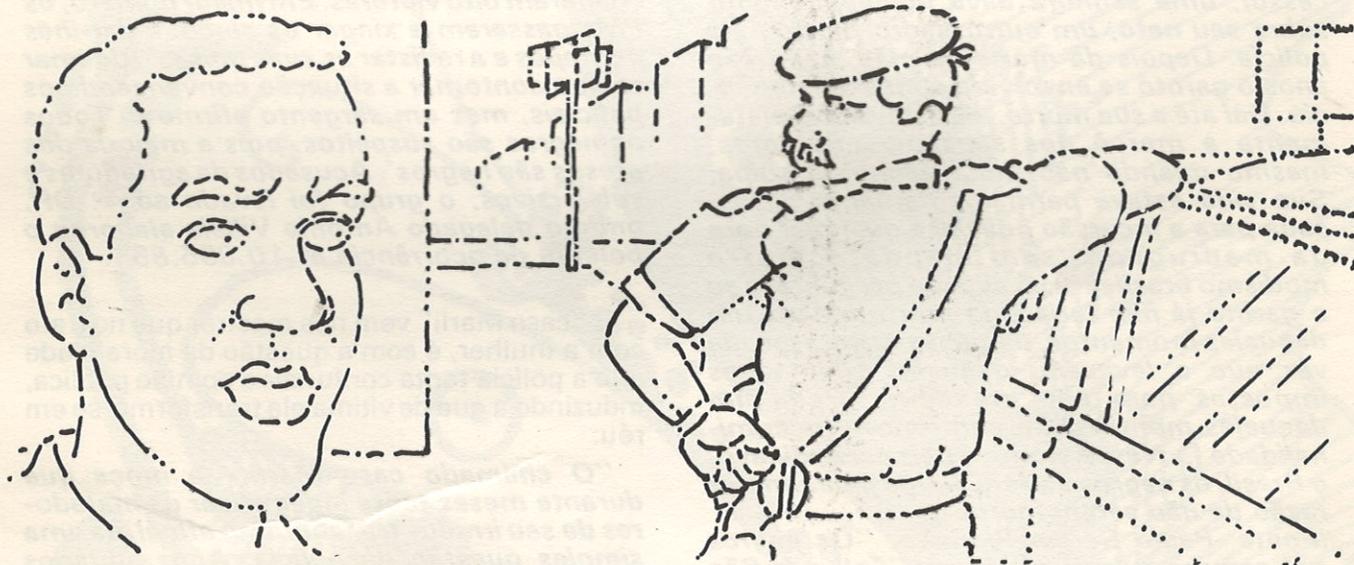
das, uma vez que a clientela que demanda os serviços é formada, basicamente, por mulheres não-brancas e pobres.

**A Associação Brasileira de Entidades de Planejamento Familiar - ABEF, inaugurada em março de 1981, com sede no Rio de Janeiro, seguindo o mesmo jornal "... já possui representações em todos os Estados brasileiros ... existem instalações da ABEF em Feira de Santana, Ilhéus e Itapira, além da CPARH vinculada a esta associação".**

**"Tal qual no tempo da escravidão, a integridade física dos negros no Brasil está sob ameaça. É triste perceber que os tempos não avançaram".**

A veracidade desta afirmação nos coloca diante da seguinte inquietação, penosa, diríamos: Como podem ser asseguradas as condições necessárias para a sobrevivência desta parcela da população que, pelo simples fato de não ser branca, já está colocada sob suspeita e ameaça de extermínio?

Esta pergunta nos remete diretamente para outra questão que é a violência policial, instituição que também, ao longo de 400 anos, tem funcionado como instrumento de desmobilização e extermínio desse grupo.



## VIOLÊNCIA POLICIAL

O papel que a polícia desempenhou no pós-abolição, na desestruturação dos cultos afro-brasileiros, mostrado pela Rede Globo em "Tenda do Milagres", não foi diferente do que aconteceu com as Escolas de Samba.

As invasões que as Escolas de Samba e Candomblés sofriam no começo do século podem ser comparadas com as incursões domiciliares feitas pelos policiais atualmente na "caça aos bandidos"; de acordo com Marilena Chauí "negro por definição e por natureza, é marginal", quando se refere à frase inscrita num mural da Escola de Polícia da Universidade de São Paulo: "Crioulo parado é suspeito; correndo é culpado". (Fonte: jornal "O Estado de São Paulo").

nas campanhas controlistas da natalidade descritas anteriormente.

As denúncias abaixo não deixam dúvidas de que alguns são mais escolhidos que outros:

**"JB (s/d, carnaval 1977) Salvador (BA) A.S. estagiária de direito e uma das advogadas do Bloco Apaches de Tororó, disse que apelará para a Lei A.A., em carta à Câmara Federal, para denunciar as medidas adotadas pela polícia baiana de 'espancar barbaramente os homens de cor e liberar os brancos'".**

(Fonte: Hasembalg, C.A. "Discriminação e desigualdades raciais no Brasil". Rio de Janeiro, Ed. Graal, 1979).

*policiais da Rota de placas RY-2372, após ter sido maltratado e humilhado como um marginal. O episódio ocorreu na noite de ontem, por volta das 22 horas, diante da Escola Estadual de Primeiro Grau Matias Aires, na rua Moinho Velho, no mesmo bairro.*

*Segundo declarações do menor- que foi levado pelos familiares para prestar queixa no 28º DP-, ele estava parado em frente à escola, junto com outros colegas, quando apareceu uma viatura da Rota, cujos ocupantes, sem lhe dar tempo de se identificar, fizeram-no deitar no chão, tiraram suas roupas para revistá-lo e, diante de suas reclamações, deram-lhe tapas no rosto e lhe enfiaram por três vezes o cano do revólver na boca, mandando-o correr em seguida. Para Alzira Inocência, mãe do estudante, 'trata-se de mais um caso de abuso de poder e discriminação racial, que precisa ser punido' ".  
(Fonte: "Rota humilha o aluno, bate e tira suas roupas", jornal " O Estado de São Paulo", 15/10/86).*

*"Os negros que se cuidem ...", diz Paulo Sérgio Pinheiro em artigo no jornal "Folha de São Paulo". E continua: "... Num debate sobre um jovem negro assassinado este ano em Campinas pelas costas por dois PMs (já expulsos da corporação e submetidos a processo), uma senhora dava um depoimento sobre seu neto, um outro negro morto pela polícia. Depois da morte da mãe, aos treze anos o garoto se envolvera com a delinquência. Daí até a sua morte, ele esteve completamente à mercê dos seus perseguidores, mesmo quando não tinha nenhuma culpa. Sua vida estava permanentemente devassada para a incursão policial a qualquer hora da madrugada (sem mandato, outro modismo brasileiro). A avó me perguntava se o garoto já não teria sido morto a cada um daqueles momentos, daquelas torturas, cada vez que o levavam, daquelas chantagens impostas para não prendê-lo. Cada um daqueles momentos o confirmava na criminalidade ... Nesse glorioso país escandinavo, o Brasil, os negros correm perigo pela simples razão de não serem louros".  
(Fonte: Paulo Sérgio Pinheiro. "Os negros são sempre culpados", jornal "Folha de São Paulo", 28/10/84).*

Se por um lado a violência física tem levado ao extermínio um número incontável de negros, seja através da morte provocada pela polícia, seja através da mortalidade infantil ou dos controles da natalidade, é na violência psicológica que o resultado tem se mostrado profícuo e eficaz, conforme pergunta essa avó desolada.

É partindo de que "negro é culpado até prova em contrário", que em 27 de outubro de 1984, o jornal "Folha de São Paulo" noticiava:

*Duas semanas depois de um grupo de negros ter sido agredido por soldados da Polícia Militar, os policiais do 4º DP, onde foi registrada a queixa de racismo, 'não fizeram nada para apurar o caso', denunciou ontem*

*cia à Comissão de Direitos Humanos, ao comando da Polícia Militar e à Corregedoria Geral da Polícia Civil.*

*No dia 27, Aldemar e mais quatro negros, inclusive uma menor, estavam no interior do Volks dirigido por Edna Maria Santos Roland. Eram 21h30 e retornavam de um ensaio, quando, nas proximidades da praça Osvaldo Cruz, notaram que estavam sendo seguidos pela Rádio Patrulha M-0741, ocupada por dois soldados.*

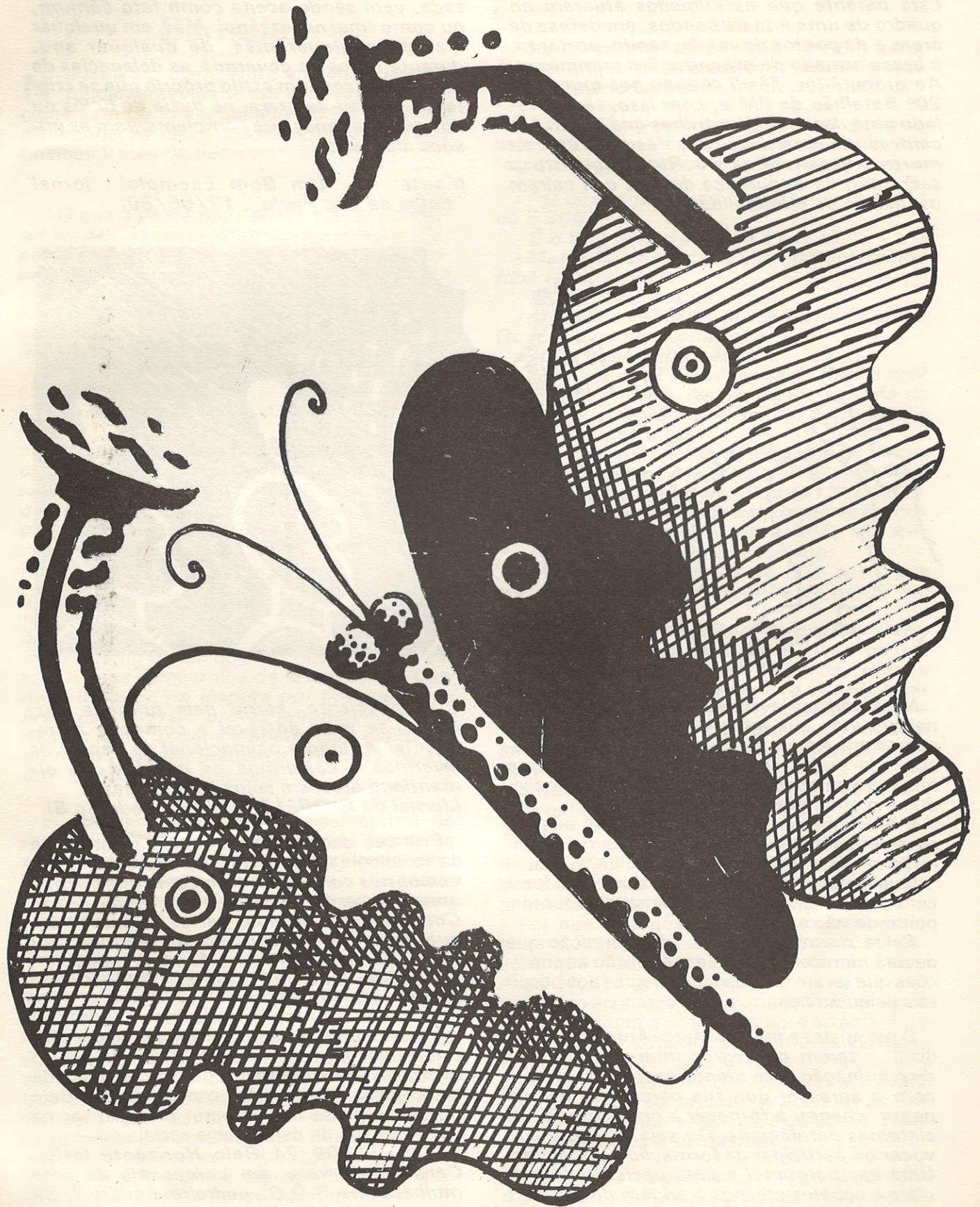
*Ao passar em frente ao Masp, na avenida Paulista, foram abordados pelos policiais que desceram da viatura de armas em punho. Mandaram que todos descessem do carro e ficassem encostados na parede. Edna perguntou aos policiais o que estava havendo, e o outro ocupante do Volks, João Batista de Jesus Félix, disse aos PMs: 'Isto é discriminação racial'. Os policiais negaram a acusação e explicaram que tomaram essa atitude porque o carro era suspeito. João insistiu: 'Suspeito porque haviam cinco negros dentro?' O policial respondeu que qualquer carro com mais de duas pessoas é suspeito. Nesse momento, João apontou para vários automóveis que passavam com mais de um passageiro e nem por isso foram obrigados a parar.*

*Diante da insistência do grupo, os policiais pediram reforço pelo rádio e minutos depois chegaram oito viaturas. Em maior número, os PMs passaram a xingar os cinco, a dar-lhes pontapés e a revistar as suas bolsas. Aldemar tentou contornar a situação convencendo os policiais, mas um sargento afirmou: 'Todos os negros são suspeitos, pois a maioria dos presos são negros'. Acusados de agitadores e subversivos, o grupo foi levado ao 4º DP onde o delegado Antonio Villela elaborou o boletim de ocorrência nº 10.895.85".*

O "caso Marli" vem nos mostrar que no trato com a mulher, é com a questão da moralidade que a polícia tenta confundir a opinião pública induzindo a que de vítima ela transforme-se em réu:

*"O chamado caso Marli - a moça que durante meses tenta indentificar os matadores de seu irmão - transbordou, afinal, de um simples questão de polícia. Após agitados debates, a Ordem dos Advogados - Seção RJ, de Janeiro, por 13 votos a 3, decidiu intervir solicitando ao procurador-geral da Justiça designação de um promotor especial, para acompanhar o inquérito e o afastamento atual. Este, no mínimo, tem contribuído para tumultuar a apuração dos fatos, como se vê até pelas circunstâncias irregulares em que foi feito o reconhecimento dos supostos criminais reais assassinos aquadrilhados.*

*Com risco diário de vida, uma mulher comum enfrenta, há meses, a resistência de uma corporação policial, de cujas fileiras terão saído, provavelmente, os matadores de seu irmão. Nem ordens judiciais, nem o clamor da imprensa, alteraram a passividade complacente do comando da Polícia Militar ou a indiferença dos secretários de Segurança e da Justiça. Finalmente, arquiteou-se a desmoralização da*



*É a primeira vez, ao que nos lembremos, em que uma mulher desvalida consegue como-ver a tal ponto a opinião pública e mobilizá-la, pela tenacidade, em uma questão como essa. É bem provável que a vítima tenha sido um marginal como tantos. Tal aspecto incidental veio dar, aliás, maior amplitude ao assunto. Está patente que os culpados atuaram no quadro de uma luta de bandos, em defesa de áreas e de pontos de venda, sendo, portanto, o braço armado de organizações criminosas. Ao procurá-los, Marli chegou aos muros do 20º Batalhão da PM e, com isso, terá revelado uma das múltiplas trilhas que levam aos centros de comando dos 'esquadrões da morte', desenvolvos no Rio, enquanto o secretário de Segurança declara que caíram os índices de criminalidade.*

*Com relativa frequência, as camadas médias e altas da sociedade brasileira mobilizam-se contra a violência sobre presos políticos, talvez porque eles, de uma forma ou de outra, participem de seu próprio universo. A violência contra a pessoa humana, ali onde é mais constante e institucionalizada, vem sendo aceita como fato comum, ou como 'mal necessário'. Mas, em qualquer dia, de qualquer mês, de qualquer ano durante todos os governos, as delegacias de polícia exercem um estilo próprio que se cristaliza no pau-de-arara, na dúzia de bolos ou nos socos e tapas que complementam as prisões arbitrárias''.*

*(Fonte: R. "Um Bom Exemplo", jornal "Folha de São Paulo", 17/05/80).*



Nas vivências levadas a cabo pelo povo negro na busca de sua integridade física e mental, somos em alguns momentos levados a situações de muita comicidade, principalmente quando a perspectiva "inconsciente" do indivíduo é o embranquecimento.

E neste momento é que a situação adquire uma configuração trágica, diante da ridicularização em que se coloca o próprio indivíduo.

Que poder é esse que tem o racismo de fazer com que o indivíduo se descaracterize tanto a ponto de não se reconhecer?

Neste mesmo caminho, uma situação que deverá merecer atenção especial são as condições que levam os indivíduos negros aos hospitais psiquiátricos.

O psiquiatra e médico Marco Antonio Beltrão diz "... terem os negros internalizado essa discriminação e se identificado de tal forma com o agressor que sua percepção de 'ser negro' chegou a fornecer a configuração de sintomas patológicos. Ou seja, chega a provocar ou participar da formação da doença... Uma vez perguntei a uma paciente de pele clara e cabelos crespos a origem de seu mal. Ela respondeu: 'É um câncer que tenho

*...A paciente, sorriu pela primeira tornou-se mais sociável e começou a quantar a terapia ocupacional só depois lavarmos e cortarmos os cabelos que mantinha presos e sujos há seis meses' (Jornal do Brasil, 12/11/79 - Caderno*

*Pior que isso é a discriminação paterna da sociologia de Gilberto Freyre que diz "... vemos nos considerar uma gente que goza uma extraordinária paz e harmonia racial. Contraste com aquelas partes do mundo que ódios raciais existem sob formas vezes, as mais violentas. As mais cruas. ("Racismo no Brasil", jornal "Folha de São Paulo", 08/10/79)*

Se as denúncias aqui veiculadas não aumentem a violência do racismo brasileiro, o sociólogo Gilberto Freyre, que faz apelo à modernidade, quem sabe o ocorrido em Belo Horizonte possa fazê-lo parar para pensar sua ideologia da democracia racial:

*"JB, 14/09/71 Belo Horizonte Cansado de viver em companhia de uma mulher preta, S.D.C., pedreiro, mulato e outros, tentou resolver seu problema dando banho de soda cáustica e*

*diu que a melhor solução para a sua questão racial era conservar a mulher, mudando-lhe a cor".*

(Fonte: Hasembalg, C.A., op. cit.)

## Barradas

No convívio diário entre brancos e negros, fundamentalmente em situações onde se comentam ou foram deflagradas situações de discriminação racial, ouvimos e muitas vezes falamos frases do tipo:

*"O que a gente ouve muito são brincadeiras vindas, às vezes dos próprios amigos. Eu, por exemplo, tenho um Corcel II preto e sempre riem, falando que quando eu dirigo é uma escuridão total".*

(Jornal "Folha de São Paulo", depoimento de Carmem Silvia, estudante de Economia - 01/09/85).

Ou então:

*"Sou muito desligada. Pode até ter acontecido comigo e eu não percebi".*

(Jornal "Folha de São Paulo", depoimento de Regina M. Silva, formada em Comunicações - 01/09/85).

Tanto Carmem como Regina nos dão uma imagem da discriminação racial como algo nebuloso, imperceptível. É a chamada sutileza do racismo.

Ao mesmo tempo que nos dão essa impressão, Regina compartilha da afirmação de Carmem de que *"na disputa por uma vaga, os brancos precisam provar competência e os negros uma super-competência, capaz de silenciar qualquer preconceito racista. Nossa luta é dupla"*, diz Carmem.

É exatamente na forma imperceptível do racismo agir, que ele vai tomando forma na cabeça do negro. Ele tem endereço certo: destruir sua dignidade, que segundo o Dicionário Aurélio é *"respeito a si mesmo, amor próprio"*.

Ele acaba fazendo com que as pessoas se convençam de que é mesmo "só brincadeira", como diz Carmem acima, ou então que somos "desligados" como fala Regina.

Por que será sempre engraçado uma negra dentro de um carro preto, e não tem equivalência humorística um branco dentro de um carro branco? Do que será que esses amigos de Carmem riem tanto? E por que escolheram exatamente o elemento que a diferencia - sua cor - para ser motivo de gozação? O que é que acontece, que ficamos impossibilitados de perceber que estamos sendo discriminados?

David Brookshaw, professor na Universidade de Bristol, Inglaterra afirma:

*todos são tratados igualmente... Ocorre que a inexistência do racismo faz parte do próprio nacionalismo brasileiro. Todo país tem seus mitos, e um dos mitos brasileiros é o de que o país abriga uma democracia racial. Todos querem acreditar nisso. Acabam acreditando".*

(Fonte: Revista "Veja", 12/10/83, pp. 5-6).

Pois é, racismo para inglês nenhum botar defeito. Enquanto os brasileiros fazem de tudo para afirmar o contrário, inclusive o negro.

Nas denúncias veiculadas na grande imprensa sobre discriminação de mulheres negras, podemos encontrar algumas pistas:

- *"O apartamento do Seu Argileu é o 904 ou o 905?"*

- *É o 901 mas a entrada é por ali.*

- *Mas eu vou na casa de um morador, minha filha foi convidada.*

- *A entrada é por ali.*

- *Mas por que? Moro nesta rua há 18 anos.*

*Quer que eu me identifique?*

- *Não. Você entra por ali.*

- *Mas por que? É por causa da minha cor?*

- *É isso mesmo. Negro é pela entrada de serviço. É ordem do síndico, dos moradores e da fiscalização.*

*O diálogo entre o porteiro Aurélio Germano do Nascimento, mulato, e Franciliza dos Anjos da Silva, negra, acabou na 12ª Delegacia Policial, com o irmão de criação de Franciliza, Wild Gibson, pai de criação de Ana Paula, sete anos, muito revoltado:*

- *Faço isso pela Ana Paula. Não quero que ela tenha medo ou vergonha de entrar em lugar nenhum.*

*...O síndico do edifício, brigadeiro reformado Francisco de Azevedo Milanez, foi três vezes à casa de Franciliza. Pediu desculpas e encerrou o caso com um aperto de mão entre ela e o porteiro Aurélio. Segundo o brigadeiro, o porteiro só tem ordem de mandar entrar pela garagem, 'serviçais, estranhos e banhistas'.*

(Fonte: "Mulher é barrada por racismo", "Jornal do Brasil", 26/01/84).

Lembremos que Ana Paula está em processo de formação da sua personalidade. Como será que ela se sente ouvindo alguém dizer "Negro é pela entrada de serviço?"

Por que será que o porteiro (mulato) acaba tomando atitude como se fosse branco? O que será que fizeram com a cabeça do negro Aurélio?

E como acontece na maioria dos casos, aqueles que emitem a ordem, sempre arranjam um jeitinho para não serem incriminados, ficando a responsabilidade para o mais "fraco". Veja como termina este caso: *"... segundo o brigadeiro (síndico do prédio), o porteiro só tem ordem de mandar entrar pela garagem 'serviçais, estranhos e banhistas'".*

E quem é a maioria dos serviçais dos prédios das madames? Foi o porteiro que não entendeu a norma ou é a norma que é racista?

Outra vez o racismo surtiu efeito: O negro Aurélio virou o Aurélio branco.

**"Curitiba - A jovem Rosângela Aparecida de Souza foi expulsa da boate Papeete, em Curitiba, sob a alegação de que era 'de cor' ... O proprietário da boate, Dorval Simões Filho, alegou que o fato não foi devido a preconceito racial mas que é 'nível social pois a casa só é freqüentada por colunáveis' "**  
(Fonte: "Estudante negra é expulsa de boate em Curitiba e amigos fazem passeata", "Jornal do Brasil", 13/05/81).

Ironia do destino. A negra foi barrada no baile (boate) no dia da "Libertação dos Escravos" - 13 de maio. Por aí vemos que a libertação do negro ainda está por acontecer.

Mas não é só Rosângela que é discriminada. São inúmeras as mulheres negras que se vêem impedidas do livre trânsito. Acompanhem alguns casos.

**"OG 27.03.75, Juiz de Fora (MG). Baseada no art. 4º da Lei A.A., a universitária M.A.R., de 24 anos, apresentou uma representação à Delegacia de Ordem Política e Social contra os proprietários e porteiros da Boate Vilabela, que não permitiram sua entrada, alegando que o lugar não é para negros. O DOPS sugeriu a M.A.R., procurar a Polícia Federal para encaminhar sua reclamação ao Ministério da Justiça. O caso chegou a despertar o interesse do Presidente da República, ganhando por isso dimensão nacional (ESP 23.09.75). O porteiro da casa Vilabela Chopp, B.B.S., foi condenado a 15 dias de prisão, comutados para Cz\$ 15.00 de multa".**  
(Fonte: Hasembalg, C.A., op. cit.)

Este caso, segundo o artigo, despertou interesse até do Presidente da República, o que não impediu que inúmeras outras situações continuem ocorrendo por todo o país, sem que nenhuma medida enérgica e concreta seja tomada.

Não pára aí não.

**"OG 09.02.72, Rio de Janeiro (RJ). A jovem M.V.P., de 14 anos, filha do músico P.G., foi expulsa do baile vespertal carnavalesco do Esporte Clube Radar. O porteiro que procedeu à expulsão explicou: 'É ordem do presidente do clube não permitir que pretos entrem no salão'. Ao pedir satisfações, a mãe de M.V.P., obteve como resposta de E.L., presidente do clube: 'O clube é meu e aqui só freqüenta quem eu quiser. Enquanto eu for presidente, preto aqui não entra'. A médica que atendeu M.V.P., argumentou que aquilo era uma montruosidade, que o homem que tivera tal procedimento não devia ter sentimento para fazer um papel daqueles com uma menina pouco mais de uma criança, ainda mais em um país conforme o nosso em que o povo não aceita de maneira alguma, a discriminação racial".**  
(Fonte: Hasembalg, C. A., op. cit.)

A violência contida nestas situações é tamanha que parece que nesse caso até a interven-

vestígio de danificação ou destruição" e ma  
"...lembrança ou impressão duradoura c  
uma ofensa, de uma dor moral".

**"JB 28.01.76, Porto Alegre (RS). O porteiro da boate Diners, L.G.P., que impediu aos empurrões a entrada de C.M.O., - 2 anos, grávida de três meses - batendo em seu rosto aos gritos de 'negro aqui não entra', enquadrado na Lei A.A., e será processado pelo 10º DP, por racismo".**

**"JB 18.02.76, Recife (PE). Jornal local denuncia a barração de uma jovem negra e um baile da Faculdade de Medicina realizado no Clube Internacional de Recife. O presidente do clube - de elite - negou preconceito de cor, informando porém que a diretora 'está empenhada num processo de seleção social' "**  
(Fontes: Hasembalg, C.A., op. cit.).

As pessoas insistem em justificar que o que existe é o preconceito social. Por preconceito social estão querendo dizer que as pessoas são discriminadas porque são pobres, ao contrário do racial, porque são negras.

No caso dos negros a situação é mais agravante pois sabemos que pobre e negro chegam a ser sinônimo para esse grupo; socialmente seriam aqueles sem perspectivas de mobilidade a curto prazo.

Podemos então afirmar que o negro é discriminado duas vezes: por ser negro e pobre.

Temos presenciado inúmeras mulheres negras expoentes da sociedade brasileira sendo pegadas de surpresa, pois também são barradas nos prédios, bares, boates, hotéis, prédios de apartamentos, etc.

**"O americano Chester Stanley Petro subgerente do Rio Othon Palace Hotel, indiciado e vai ser processado por discriminação racial por ter barrado à entrada do hotel a jornalista Glória Maria Matta da Silva, 30 anos. Repórter da TV Globo, ela presenciou uma discussão com o porteiro e queixou-se na 13ª Delegacia Policial de Copacabana, e ontem voltou ao hotel para ouvir como repórter, as explicações do gerente geral Mário Bontorin, que atribuiu o fato a um gesto pessoal do subgerente, informando ainda que, por causa de sua atitude, ele foi demitido..."**  
(Fonte: "Hotel demite acusado de barrar uma moça negra", jornal "O Globo", 04/06/76)

**"O porteiro Arlindo Henrique da S. paraibano e analfabeto, foi quem barrou a entrada de uma mulher negra, compositora. Ela estava acompanhada de sua mãe, Leci Assumpção Brandão. O porteiro disse que cumpria ordens do síndico do edifício, Justino Marques. Arlindo foi preso e autuado na 19ª DEP e o síndico será processado a depor.**

Na delegacia, Arlindo disse que indicou o elevador de serviço para Leci Brandão e sua mãe porque elas eram pretas e ele não queria que se fossem empregadas. Após essa declaração, o delegado João Fontenelle mandou que o porteiro ficasse de pé e disse:

- Era o que eu queria escutar. Está car-



"A jornalista Leni Vasconcelos, 26, da Folha, foi impedida de alugar um apartamento no Edifício Lydia, situado na rua Marquês de Paranaguá, 66, próximo à Av. Consolação, zona central de São Paulo, sob a alegação do zelador de que era 'morena' e que o dono do prédio deu ordens para que não alugasse nenhum apartamento 'para pessoas de cor'.

...Uma moradora, que se identificou apenas como Dona Maria, confirmou a existência de discriminações: 'O dono do prédio, um italiano carcamano, não gosta de pessoas de cor; estou neste prédio há 18 anos e nunca vi uma família negra morando aqui...'" (Fonte: "Negra denuncia discriminação ao tentar alugar apartamento", jornal "Folha de São Paulo", 01/01/86).

Deste último anúncio depreende-se que o único lugar reservado ao negro para morar seriam os barracos, favelas ou cortiços. Num prédio de apartamentos ele teria lugar certo: sua entrada permitida, mas somente pela "entrada de serviço".

"...No morar, exceção pura. A jornalista Leni Vasconcelos há semanas foi impedida de alugar um apartamento na avenida Consolação. Razão: era 'morena' tendo o dono do prédio instruído o fiscal da entrada que não alugasse nenhum apartamento para 'pessoas de cor'. Ninguém iria imaginar que o proprietário fosse racista (no Brasil não existe isso). O que movia a determinação devia ser a nobel preocupação de evitar as rixas em torno do uso do elevador. No caso, a jornalista negra estaria na condição de madame, expondo todas as outras madames brancas a se acovelarem com ela no elevador. Seria um convite à cizania. Que horror. Com terríveis efeitos para a necessária estabilidade e coesão interna dos condôminos. A paz social na cidade abalada.

...Até recentemente o problema não ocorria porque os negros, salvo nas vertigens das favelas, não moravam em apartamento. Desde a Abolição (1888) moram em barracos, cortiços, casinhas de subúrbio (hoje periferia), prédios sem elevador (são raríssimas as escadas de serviço: a dicotomia social e serviço nasce com o elevador). Portanto o problema não se colocava.

Contemplemos primeiro o caso dos cavaleiros e madames de cor. Como eram poucas as interações raciais da classe que morava nos apartamentos de elevador, os negros estavam sempre no seu lugar, de domésticos, e logo destinados ao elevador de serviço. Progressivamente, ainda que em escala ínfima se levada em conta a importância da comunidade negra no Brasil, os negros saem da senzala e da cozinha, e os problemas começam. Há negros, sociólogos, linguistas, economistas, jornalistas, criando complicações constrangedoras.

Meu saudoso amigo Eduardo de Oliveira e Oliveira, sociólogo, negro, se vestia de causar inveja a Marcelino de Carvalho. Estava à von-

para o elevador de serviço. Felizmente fa-

escândalo, protestava, enquadrava os en-  
gúmenos fiscais.

Sinais dos tempos: morava numa cob-  
tura da rua Sabará, elegantíssima, aberta a  
militantes negros e seus amigos intelectu-  
brancos. Subíamos todos pelo elevador  
social".

(Fonte: Paulo Sérgio Pinheiro. "O elevador  
a paz social", jornal "Folha de São Paulo",  
14/01/86).

Mas a coisa não pára por aí. Agora é a  
daquela negra que mora no prédio, e um ca-  
de "estrangeiros" fica irritado ao vê-la ci-  
lando pelo elevador social. Que tal?

"Uma moradora do edifício número 6  
Avenida Copacabana, no Leme, está enf-  
tando problemas de discriminação ra-  
Como ela é preta, um casal de vizinhos -  
sinal, estrangeiros - protesta ao vê-la,  
exemplo, usando o elevador social do pré-

Mesmo que se tratasse de uma pessoa  
nima, o fato já motivaria até um prot-  
legal, com base na Lei Afonso Arinos.  
ocorre que se trata da advogada, profess-  
pesquisadora Lígia Santos, que vem a  
filha de Donga, figura tutelar da nossa cu-  
pelo nome que deixou ligado à mú-  
popular.

É incrível que um fato desses ainda am-  
no Rio".

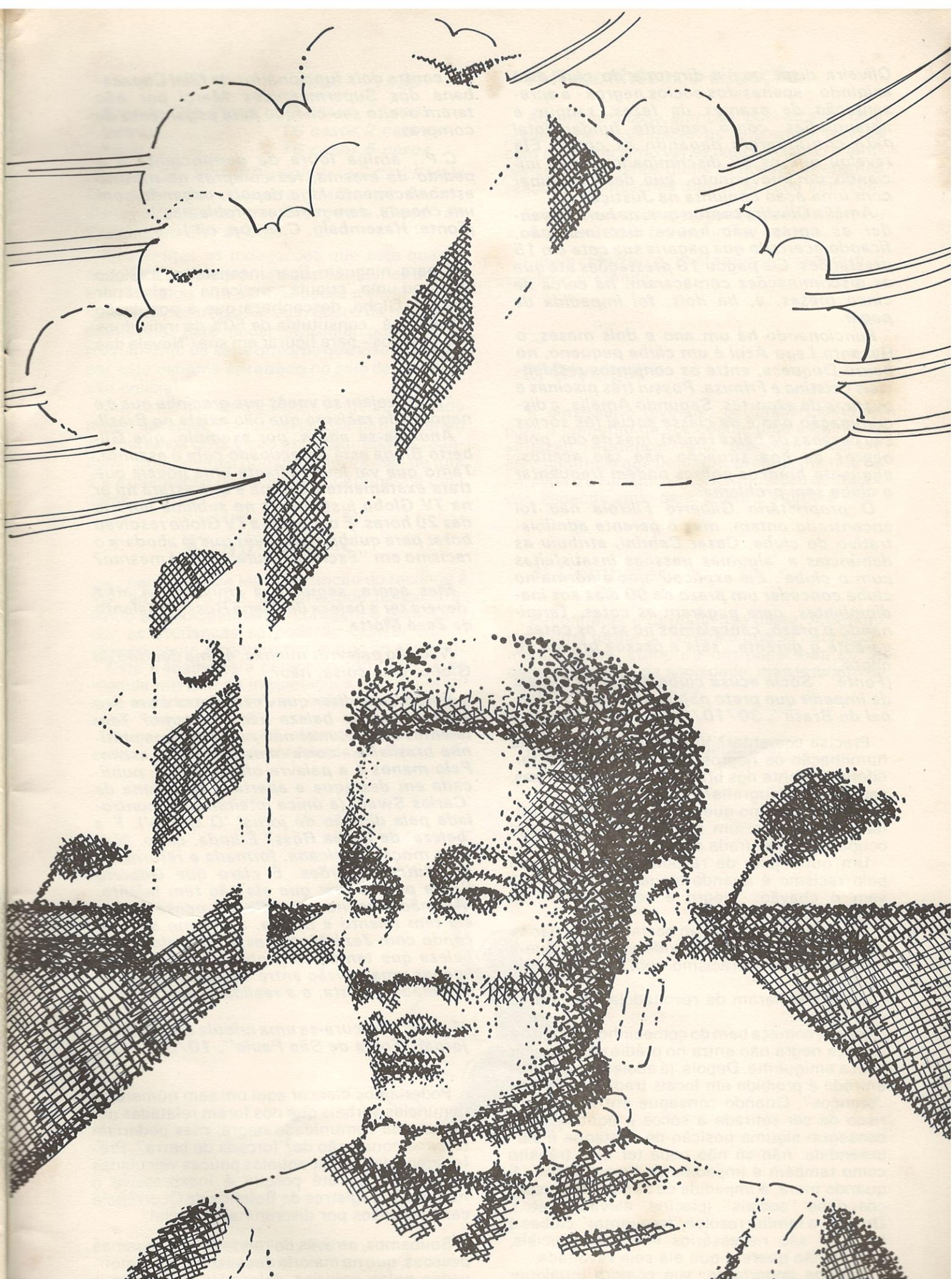
(Fonte: "Racismo", jornal "O Glo-  
07/01/85).

O síndico diz que a discriminação é feita  
porteiro. O porteiro diz que recebe ordens  
riores, portanto do síndico que é a f-  
máxima de um condomínio. Quem discrim-  
O síndico, o porteiro? Quem responde  
atos de racismo praticados contra os negr-  
prédios de apartamentos?

"JB 27.05.71, Salvador (BA) - R.  
professora preta, acusou F.J. de naci-  
dade síria e síndico do edifício em que r-  
de não deixá-la usar o elevador social,  
alegação de que 'mulher preta só po-  
doméstica ou vagabunda'. A acusa-  
levada ao delegado A.B.. O Secretário  
Segurança também se manifestou su-  
caso, dizendo que ele criou uma boa o-  
nidade para lembrar que a discrimina-  
anti-constitucional".  
(Fonte: Hasembalg, C.A., op. cit.).

Chega? Não. Nos clubes a situação  
mesma. Se para a sociedade o lazer do  
está relacionado ao samba, futebol, cac-  
mulher, que problemas enfrenta o neg-  
"pretende" se associar a esta r-  
"sociedade"?

"Santa Luzia, MG: A enfermeira a-  
tada, Amélia Francisca do Rosário  
Lima, acusou ontem de discriminação  
proprietário do Clube Recanto Lago  
Gilberto Filizola. Ele não permitiu que  
contra 64 pessoas, de cor negra, a-



*Oliveira disse que a diretoria do clube está exigindo - apenas dos sócios negros - a apresentação de exames de fezes, sangue e abreugrafias, como requisito fundamental para continuarem pagando as cotas. Ela revelou que os 65 discriminados estão iniciando um movimento, que deve terminar com uma ação conjunta na Justiça.*

*Amélia Oliveira contou que, na hora de vender as cotas, não houve discriminação, ficando acertado que pagaria sua cota em 15 prestações. Ela pagou 10 prestações até que as discriminações começaram, há cerca de cinco meses, e, há dois, foi impedida de pagar.*

*Funcionando há um ano e dois meses, o Recanto Lago Azul é um clube pequeno, no bairro Duquesa, entre os conjuntos residenciais Cristina e Frimisa. Possui três piscinas e quadras de esportes. Segundo Amélia, a discriminação não é de classe social (os sócios são pessoas de baixa renda), mas de cor, pois negros de boa situação não são aceitos, enquanto brancos pobres podem frequentar o clube sem problemas.*

*O proprietário Gilberto Filizola não foi encontrado ontem, mas o gerente administrativo do clube, Cesar Cabrini, atribuiu as denúncias a 'algumas pessoas insatisfeitas com o clube'. Ele explicou 'que é norma no clube conceder um prazo de 90 dias aos inadimplentes, para pagarem as cotas. Terminando o prazo, cancelamos no ato as cotas', garante o gerente, 'seja a pessoa branca ou negra'.*  
*(Fonte: "Sócia acusa clube de Minas Gerais de impedir que preto pague as cotas", "Jornal do Brasil", 30/10/85).*

Precisa comentar? Vocês não acham muita humilhação os negros terem que apresentar, diferentemente dos brancos, exames de fezes, sangue e abreugrafia?

É assim mesmo que vai funcionando a sutileza do racismo: um exame aqui, uma vaga ocupada lá, a entrada de serviço ...

Um outro jeito de responsabilizar o negro pelo racismo é quando alguém protesta e lá vem o chavão: "negro é complexado", ou "negro é revoltado".

Será que não há motivo bastante para não se revoltar? O que não se pode admitir é que a consequência do racismo seja tomada como causa.

Já te chamaram de revoltado(a)? Nenhuma vez? Vê lá ...

Pois é, começa bem do comecinho: primeiro a criança negra não entra no prédio para brincar com a amiguinha. Depois, já adolescente, a sua entrada é proibida em locais tradicionalmente "brancos". Quando consegue entrar, corre o risco de ser retirada a socos e pontapés. Se consegue alguma posição de destaque é surpreendida: não só não pode ter livre trânsito como também é impedida de "morar bem". E quando mora, é impedida de circular nos espaços ditos "sociais" (piscina, elevador, etc.). Quando a família resolve "frequentar" clubes é barrada: são necessários exames especiais. Depois não querem que ela seja revoltada...

*DP contra dois funcionários da filial Copacabana dos Supermercados Merci por não terem aceito seu cheque para pagamento de compras.*

*C.P., amiga loura da denunciante e a pedido da mesma, fez compras no mesmo estabelecimento logo depois, pagando com um cheque, sem maiores problemas".*  
*(Fonte: Hasembalg, C.A., op. cit.).*

E para ninguém ficar insatisfeito, a Globo procurou uma "crioula americana" - talvez por que ela Globo, desconheça que a população brasileira é constituída de 50% de indivíduos não-brancos - para figurar em sua "Novela da Oito":

*"Mas, vejam só vocês que gracinha que é o negócio do racismo que não existe no Brasil. Anuncia-se agora, por exemplo, que Gilberto Braga está preocupado com o assunto. Tanto que vai levar adiante uma novela que trata exatamente do tema e que estará no ar na TV Globo justamente no sublime horário das 20 horas. É claro que a TV Globo resolve botar para quebrar, uma vez que já abodara o racismo em "Escrava Isaura", não é mesmo*

*Mas agora, segundo a emissora, a atriz deverá ter a beleza de Diana Ross e o talento de Zezé Motta'.*

*Não são palavras minhas, é uma decisão da Globo. Que coisa, não?*

*Então quer dizer que Zezé Motta é um lixo em matéria de beleza não é mesmo? Tem talento, é claro, mas não passa de uma pretinha brasileira - coisa mais ou menos assim. Pelo menos é a palavra oficial da TV, publicada em destaque e abertura na coluna do "Carlos Swan" (a única inteiramente controlada pela direção do jornal "O Globo"). E a "beleza" de Diana Ross? É linda, claro. Mas é uma moça americana, formada e reformada em outros padrões. É claro que Gilberto Braga pode achar que ela não tem talento. Mas não acredito que Gilberto pense assim. Ela tem talento e beleza, o mesmo acontecendo com Zezé Motta, essa enormidade de beleza que temos. O problema, talvez, seja apenas uma colisão entre o padrão Globo de qualidade, racista, e a realidade brasileira'.*

*(Fonte: "Procura-se uma crioula americana para o jornal "Folha de São Paulo", 10/05/85).*

Poderíamos elencar aqui um sem número de denúncias verbais que nos foram relatadas por uma parcela da comunidade negra, mas poderíamos ter uma conotação de "forçada de barra". Preferíamos denunciar aquelas poucas veiculadas pela imprensa até porque é inexpressivo o número de registros de Boletins de Ocorrência caracterizados por discriminação racial.

Soubemos, através do relato dessas mesmas pessoas, que na maioria das vezes são desmo-

1984 1985

- Grande São Paulo 0 casos 4 casos  
- Interior 16 casos 2 casos  
- Total 16 casos 6 casos

(Fonte: Of. 708/86 enviado ao CECF pelo Dr. Amandio Augusto Malheiros Lopes, Delegado Geral da Delegacia Geral de Polícia, em 24/9/86).

São muitas as indagações que este quadro nos suscita. Parece-nos que fundamental é a existência ou não de interesses a nível governamental, de trabalhar com dados da realidade confiáveis, para poder subsidiar políticas de treinamento de seus quadros que visem a extirpar este estigma enraizado no seio da corporação policial.

Sabemos que esta questão exige um cuidado muito especial. Por outro lado, é denunciando que teremos uma visão mais apurada da realidade. Entendemos que uma das formas de luta é a explicitação do racismo. A denúncia é uma delas.

## Conclusões

O caminho que leva à extinção do racismo é árduo e difícil, demandando tempo, trabalho e, principalmente, coragem e persistência; as mudanças só poderão ocorrer com o envolvimento e comprometimento de cada um.

Este trabalho terá cumprido seu objetivo na medida em que as inquietações que ele originar, transformem-se em ação de combate a esse "câncer social".

Neste sentido, três alternativas de ação achamos que devam ser levadas a cabo:

## 1) Reconhecer a situação

Aprimorar nossa *atenção*, pois através dela poderemos reconhecer as diferentes facetas com que o racismo vai se concretizando e também perceberemos quais as nossas diferentes reações e sensações diante de cada situação.

Em alguns casos a vergonha de ser negro ou a vontade de ser branco irá se colocar.

Esteja alerta, é exatamente isso que o racismo pretende.

## 2) Divulgar

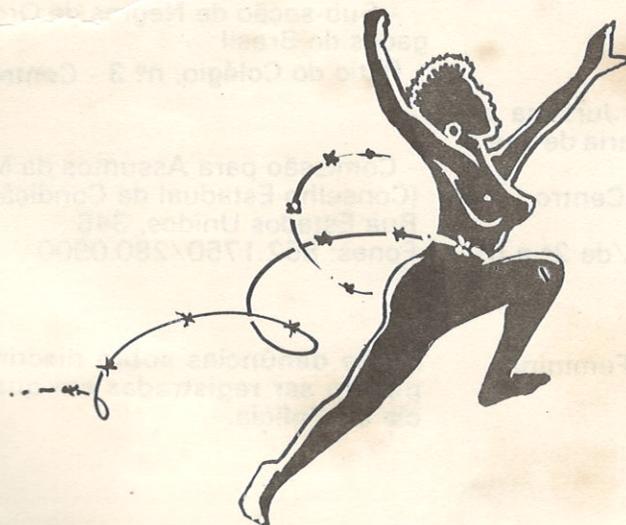
É necessário divulgar, denunciar, difundir para o conjunto da sociedade, toda e qualquer situação, evidência, ato, manobra, fato ou consequência que implique, pregue, insinue ou caracterize racismo ou discriminação de raça e cor, especificando data, evento, vítima e réu.

## 3) Combater

Reconhecer e difundir não basta. A denúncia é uma forma de combate que se feita sistematicamente, cumprirá um papel não só de conscientização da sociedade, mas também de mobilização dos negros.

Portanto denuncie.

Denuncie, denuncie, denuncie!



## ENDEREÇOS ÚTEIS EM SÃO PAULO

- Delegacias de Defesa da Mulher(\*)

● 1ª DPDM - Centro  
Parque D. Pedro II - Prédio DEGRAN  
fones: 228.6101/ 229.5566 ramal 948  
Atendimento: 24 horas todos dos dias (inclusive sábados, domingos e feriados)

● 2ª DPDM - Zona Sul (11º Distrito)  
R. Padre José de Anchieta, 138  
Santo Amaro - fone: 247.4004

● 3ª DPDM - Zona Oeste  
R. Francisco Morato, 2971 (34º Distrito)  
Vila Sônia - fone: 211.8886

● 4ª DPDM - Zona Norte (28º Distrito)  
Av. Itaberaba, 731  
Freguesia do Ó - fones: 266.5455/266.1779

● 5ª DPDM - Zona Leste (32º Distrito)  
R. Severino de Almeida, 64  
Itaquera - fones: 205.6015/229.5666 r. 632

- Procuradoria Geral do Estado (Assistência Jurídica gratuita)  
Av. Liberdade, 32  
Tel.: 239.0613/239.1967 - SP

- COJE -Centro de Orientação Jurídica e Encaminhamento à Mulher (Secretaria de Justiça e CECF)  
R. Tabatinguera, 68 - 1º andar - Centro  
Fone: 258.0222 r. 85  
Atendimento: das 9 às 12 horas/de 2ª a 6ª feira

- Conselho Estadual da Condição Feminina  
Rua Estados Unidos, 346  
fones: 852.1750/280.0900

- Conselho de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra  
Rua Antonio de Godói, 122 - 11º andar  
Fones: 223.8674/223.8477

-Grupo de Orientação e Interferência em Situações de Discriminação Racial no Trabalho (Secretaria de Estado de Relações do Trabalho)  
Av. Brig. Luiz Antonio, 1224 - 1º andar - sala 13  
Fone: 228.1083

- Grupo de Orientação e Interferência para Assuntos de Discriminação Racial (Secretaria de Segurança Pública)  
Av. Higienópolis, 758

- Grupo de Trabalho para Assuntos Afro-Brasileiros (Secretaria de Educação do Estado)  
Praça da República, 53 - sala 46 - térreo

- Sub-seção de Negros da Ordem dos Advogados do Brasil  
Pátio do Colégio, nº 3 - Centro

- Comissão para Assuntos da Mulher Negra (Conselho Estadual da Condição Feminina)  
Rua Estados Unidos, 346  
Fones: 852.1750/280.0900

(\*) As denúncias sobre discriminação racial podem ser registradas em qualquer Delegacia de Polícia.



